



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Donizete Tadeu Leite

**Características Psicométricas do Questionário de Crenças dos
Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida**

UBERLÂNDIA

2012



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Donizete Tadeu Leite

Características Psicométricas do Questionário de Crenças dos Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Ederaldo José Lopes

**UBERLÂNDIA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

L533c Leite, Donizete Tadeu, 1965-
2012 Características psicométricas do questionário de crenças dos
 transtornos de personalidade : forma reduzida / Donizete Tadeu
 Leite. -- 2012.
 109 f. : il.

Orientador: Ederaldo José Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Distúrbios da personalidade - Teses.
3. Psicometria - Teses. 4. Psicologia aplicada - Teses. I. Lopes,
Ederaldo José. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Donizete Tadeu Leite

**Características Psicométricas do Questionário de Crenças dos
Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Ederaldo José Lopes

Banca Examinadora
Uberlândia, 14 de Março de 2012

Prof. Dr. Ederaldo José Lopes
Orientador (UFU)

Profa. Dra. Renata Ferrarez Fernandes Lopes
Examinador (UFU)

Prof. Dr. William Barbosa Gomes
Examinador (UFRGS)

Prof. Dra. Carmem Beatriz Neufeld
Examinador Suplente(USP-RP)

UBERLÂNDIA
2012

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, com profundo sentimento de gratidão pelo amor que, ao longo de minha vida, vem silenciosamente conduzindo as mais variadas manifestações de carinho, doação, apoio, paciência e amizade dirigidas a mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua gestão amorosa e graciosa em fazer convergir a favor da realização desse projeto todas as coisas necessárias, especialmente as várias pessoas que se deixaram por Ele ser instrumentos gentis e solidários no meu caminho. Dentre essas pessoas gostaria de mencionar e dirigir meus agradecimentos: aos meus familiares, pelo apoio constante e incentivador; ao meu orientador e amigo, Dr. Ederaldo Lopes, pelo honroso espaço concedido de trabalharmos juntos; à minha amiga Dra. Renata Lopes, que contribuiu na emulação, delineamento e realização desse sonho; aos diretores, coordenadores e professores dos diversos cursos da Universidade Federal de Uberlândia, que disponibilizaram o espaço necessário para a pesquisa de campo; e a todos os estudantes universitários que se motivaram a responder o questionário da pesquisa.

Agradeço também ao Dr. Aaron T. Beck e ao Dr. Andrew C. Butler pela autorização concedida de ambos para a pesquisa com o PBQ-SF e por todo material gentilmente enviado; também, à Dra. Mariangela Savoia, que me disponibilizou a versão brasileira do PBQ.

Também meus agradecimentos aos mestres do programa de pós-graduação e aos amigos que colocaram ao meu dispor o seu tempo e auxílio discutindo resultados, fazendo comentários, sugerindo alternativas e compartilhando materiais de pesquisa; e a todos aqueles que, anonimamente, contribuíram com seus dons e serviços me ajudando a chegar até esse ponto.

Este projeto, portanto, tem um pouco de todos nós, de modo que sem essa conjugação de esforços, a orquestração dele não seria possível. Por isso, meu verdadeiro agradecimento a todos vocês.

“A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado; mas se o teu olho estiver doente, todo o teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes trevas serão!”

Jesus, em Mateus 6:22s (Bíblia de Jerusalém)

RESUMO

O presente estudo avaliou as propriedades psicométricas da versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (PBQ-SF). A ideia central do questionário se baseia no pressuposto de que as diferenças descritivas dos transtornos da personalidade podem estar apoiadas em diferentes padrões de crenças tanto quanto são percebidas nos diferentes sintomas clínicos. Uma amostra de 700 alunos universitários, de vários cursos, de ambos os sexos (52,1% do sexo feminino) e com idade entre 18 a 55 anos (média = 21,6; dp = 4,7) respondeu a versão brasileira do PBQ-SF. Os resultados apresentaram níveis satisfatórios para as estimativas de confiabilidade (*alpha de Crombach*) das escalas do PBQ-SF: paranoide (0,84), esquizoide/esquizotípica (0,68), antissocial (0,73), *borderline* (0,75), histriônica (0,78), narcisista (0,72), esquiva (0,64), dependente (0,71), obsessivo-compulsiva (0,80) e passivo-agressiva (0,68), apontando para uma significativa associação entre as crenças de cada uma das escalas. A análise fatorial não confirmou plenamente a estrutura original do PBQ-SF, mas os resultados apresentaram um modelo muito aproximado de sua estrutura original, observando-se mais similaridades do que contradições entre eles. A solução fatorial apresentou uma configuração de 9 fatores muito próxima à estrutura original com 10 escalas do PBQ-SF. Dos 65 itens da escala global original, 8 itens (ANT42, DEP62, DEP63, EQZ53, ESQ33, ESQ43, PAS04 e PAS07) foram achados não-discriminantes por apresentarem cargas fatoriais inferiores a 0,4 distribuídas entre vários fatores e por isso excluídos no modelo; e 11 itens (ANT23, ANT32, ANT38, ANT59, HIS08, NAR10, NAR60, ESQ31, ESQ39, BOR64, BOR65) foram agrupados em categorias diferentes daquelas de sua configuração original. A proximidade semântica presente entre alguns itens de escalas diferentes parece ser uma das razões que justificam a configuração fatorial diferente do modelo original. Estudos fatoriais adicionais com amostragem clínicas são sugeridos para ampliação desses resultados. Os resultados da análise fatorial também fornecem base para se proceder, em estudos futuros, a revisão dos itens excluídos e daqueles que foram agrupados em categorias diferentes do previsto pelas escalas originais do PBQ-SF, de modo que ele possa alcançar maior especificidade e melhores discriminações. De um modo geral, os achados ofereceram subsídios para a avaliação de quesitos que demonstram a existência de validade para a versão brasileira do PBQ-SF, sugerindo que ele carrega a promessa de ser um instrumento prático para a medida das crenças disfuncionais relacionadas aos transtornos da personalidade.

Palavras-chave: Transtornos da personalidade, Esquemas cognitivos, Questionário de Crenças dos Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida (PBQ-SF), Psicometria.

ABSTRACT

This study evaluated the psychometric properties of the Brazilian version of the *Personality Belief Questionnaire - Short Form* (PBQ-SF). The central idea of the questionnaire is based on the assumption that descriptive differences of Personality Disorders may be supported by different patterns of beliefs, as they are perceived in different clinical symptoms. A sample of 700 university students from various courses, of both sexes (52.1% female), aged between 18 and 55 years (mean = 21.6, SD = 4.7) responded to the Brazilian version PBQ-SF. The results showed enough to estimate the reliability (Cronbach's alpha) of the PBQ-SF scales: paranoid (.84), schizoid/schizotypal (.68), antisocial (.73), borderline (.75), histrionic (.78), Narcissistic (.72), avoidant (.64), dependent (.71), obsessive-Compulsive (.80), and passive-aggressive (.68), indicating a significant association between the beliefs of each scales. Factor analysis does not fully uphold the original structure of the PBQ-SF, but the results showed a very approximate model of its original structure, noting more similarities than contradictions between them. The factorial solution had a setting of 9 factors very close to the original structure of the 10 PBQ-SF scales. Of the 65 original items on the global scale, 8 items (ANT42, DEP62, DEP63, EQZ53, ESQ33, ESQ43, PAS04 and PAS07) were found non-discriminatory because they had factor loadings less than 0.4 distributed among various factors and therefore excluded from the model, and 11 items (ANT23, ANT32, ANT38, ANT59, HIS08, NAR10, NAR60, ESQ31, ESQ39, BOR64, BOR65) were grouped in categories other than its original configuration. The present semantic proximity between some items of different scales seems to be one of the reasons for the different factor configuration from the original model. Additional factor analysis studies using clinical samples are suggested to expand these results. The factor analysis also provide the basis to proceed, in future studies, a review of the deleted items and those were grouped into different categories as provided by the original scales of the PBQ-SF, so that it can achieve greater specificity and better discrimination. In general, the findings provided subsidies for the evaluation of the requirements that demonstrate the existence of validity for the Brazilian version of the PBQ-SF, suggesting that it carries the promise of being a practical instrument for the measure of dysfunctional beliefs related to disorders personality.

Keywords: Personality disorders, Cognitive schemas, Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF), Psychometrics.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	11
	1. Transtornos da personalidade	11
	2. O modelo cognitivo e os transtornos da personalidade	18
	3. O Personality Belief Questionnaire	26
II	OBJETIVO	33
III	MÉTODO	33
	1. Participantes	33
	2. Material	34
	3. Procedimentos	38
	4. Resultados e Discussão	38
	4.1. Consistência Interna ou Fidedignidade	39
	4.2. Análise Fatorial	40
	4.2.1. Análise fatorial dos escores de todos os itens do PBQ-SF	40
	4.2.2. Análise fatorial dos escores das escalas do PBQ-SF	61
	5. Conclusões	67
	REFERÊNCIAS	74
	ANEXOS	
	Anexo A. Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF) em Inglês	80
	Anexo B. Personality Belief Questionnaire (PBQ) em Português	85
	Anexo C. Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF) em Português	94
	Anexo D. Análise do conteúdo das crenças da escalas do PBQ-SF	98
	Quadro 1 – Escala Paranoide	99
	Quadro 2 – Escala Esquizoide/Esquizotípica	99
	Quadro 3 – Escala Antissocial	100

Quadro 4 – Escala <i>Borderline</i>	100
Quadro 5 – Escala Histriônica	101
Quadro 6 – Escala Narcisista	101
Quadro 7 – Escala Esquiva	102
Quadro 8 – Escala Dependente	102
Quadro 9 – Escala Obsessivo-compulsiva	103
Quadro 10 – Escala Passivo-agressiva	103
Anexo E. Pedido e autorização para a pesquisa com o PBQ-SF	104
Anexo F. Carta de Aprovação do Comitê de Ética	106
Anexo G. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108

I – INTRODUÇÃO

1 – Transtornos da personalidade

De acordo com a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV-TR; *American Psychiatric Association*, APA, 2002), indivíduos com transtorno da personalidade apresentam padrões persistentes de vivência íntima ou de comportamentos acentuadamente desviantes das expectativas da cultura na qual estão inseridos. Estes padrões ou traços mal-adaptativos podem exercer influência no modo desses indivíduos pensarem e perceberem a si mesmos, outras pessoas e eventos, ou afetar a adequação de suas respostas emocionais, seu funcionamento interpessoal e social, e/ou seu controle dos impulsos. Eles também se manifestam em uma ampla faixa de contextos sociais e interpessoais de forma persistente, estável e inflexível, provocando sofrimento clinicamente significativo e prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida.

Traços de personalidade são unidades características da personalidade, profundamente arraigados, persistentes e relativamente estáveis ao longo do tempo (APA, 2002). Agrupados, eles podem formar um complexo padrão de características cognitivas, afetivas e comportamentais que são manifestas automaticamente em quase todas as áreas do funcionamento psicológico. Quando alguns traços de personalidade específicos são tomados em conjunto, eles constituem um perfil, ou estilo, ou protótipo de personalidade (APA, 2002; Robinson, 2005).

Por si sós, os traços que configuram um padrão específico de personalidade não caracterizam necessariamente um transtorno da personalidade. Somente quando essas disposições ou qualidades do ser são marcadamente mal-adaptadas, exageradas ou inflexíveis,

causando um comprometimento significativo no desempenho da pessoa, é que elas podem apresentar-se como transtorno da personalidade (APA, 2002; Caballo, 2005). Por exemplo, é adaptativo o traço característico do perfil obsessivo-compulsivo de reconhecer alguma utilidade em objetos usados ou sem valor e guardá-los para um suposto uso futuro. Contudo, se mostrar incapaz de descartar esses objetos, não reconhecendo quando a atitude de guardá-los torna-se uma ação prejudicial ou inconveniente, assume gradações de um transtorno. É adaptativo assumir uma atitude positiva em relação a si mesmo, em certa medida, mas exibir uma visão inflada como especial e superior qualifica o transtorno narcisista. É também adaptativo depender dos outros, em certa medida, mas exibir um extremo de dependência em relação às pessoas aponta para o transtorno dependente.

Os transtornos da personalidade são definidos e caracterizados por critérios diagnósticos que permitem classificar os indivíduos dentro de uma categoria clínica (APA, 2002; Magnavita, 2004). Essencialmente, os critérios diagnósticos constituem uma lista de qualidades, atitudes, pensamentos, afetos ou comportamentos fortemente relacionados a uma desordem em particular, conformando uma categoria nosológica. Quando todas as características de uma lista são tomadas em conjunto, se estabelece um protótipo ou uma categoria idealizada de um transtorno de personalidade específico.

Essas categorias nosológicas em sua forma idealizada, no entanto, são mais raras de se configurarem nas pessoas (APA, 2002; Clark, 1999). O mais comum é encontrar apenas algumas, e não todas, características de um transtorno específico em um indivíduo; ou ainda, é mais comum encontrar combinações de dois ou mais transtornos de personalidade em uma pessoa (Dobbert, 2007; Thomas & Segal, 2005). O sistema DSM não requer que os indivíduos possuam todas as características listadas em uma categoria para que o diagnóstico de transtorno da personalidade possa ser feito. Por exemplo, cinco dos oito critérios são

necessários para um diagnóstico de transtorno da personalidade dependente, e quatro dos sete são necessários para um diagnóstico do transtorno da personalidade esquiva (APA, 2002).

De acordo com J. Beck (2005, 2007) as características de personalidade que compõem o Eixo II no modelo multiaxial do DSM, associadas a fatores de outros eixos, proporcionam um importante substrato para a compreensão dos sintomas do Eixo I. Primeiro, porque ao considerar os sintomas relacionados às características mais profundas da personalidade, uma compreensão da pessoa, que transcende os sintomas ou as características consideradas separadamente, é adquirida. Dizer que alguém é um narcisista deprimido, por exemplo, transmite muito mais do que os rótulos de depressão ou narcisismo sozinhos.

Além disso, uma mesma síndrome do Eixo I pode adquirir contornos bem específicos no contexto da personalidade do paciente (J. Beck, 2005, 2007; T. Millon, Grossman, C. Millon, Meagher, & Ramnath, 2004). Por exemplo, depressão em uma personalidade narcisista é diferente de depressão em uma personalidade dependente. Ambos estão deprimidos, mas por razões muito diferentes. Em cada caso, o que os diferencia não são apenas os sintomas superficiais e aparentes, mas sim o significado de seus sintomas no contexto de suas personalidades subjacentes.

Segundo, porque quando a personalidade inclui muitos traços adaptativos e relativamente poucos mal-adaptativos a capacidade de lidar com ou enfrentar calamidades psicossociais é aumentada. No entanto, quando a personalidade inclui muitos traços mal-adaptativos e poucos adaptativos, mesmo os menores estressores podem precipitar um transtorno do Eixo I (A. Beck, Freeman, Davis et al., 2005). Cada estilo de personalidade configura, portanto, um estilo de enfrentamento, e torna-se um princípio fundamental de organização através da qual a psicopatologia deve ser compreendida.

Nesse sentido, a personalidade pode ser vista como o equivalente psicológico do sistema imunológico do corpo, e não propriamente como uma “doença” (Millon et al., 2004).

Uma atividade imunológica robusta facilmente neutraliza a maioria dos organismos infecciosos presentes no ambiente, enquanto que uma atividade imunológica deficiente leva à doença. De maneira análoga, a personalidade constitui uma “matriz imunológica” que influencia a nossa condição psicológica geral. Nas psicopatologias, o padrão de personalidade global, ou seja, as habilidades de enfrentamento e as flexibilidades adaptativas, é que estabelece se a pessoa vai responder de forma construtiva ou sucumbir ao ambiente psicossocial (J. Beck, 2005, 2007; Millon et al., 2004).

Segundo A. Beck et al. (2005) indivíduos com transtorno da personalidade são adaptativamente inflexíveis. Eles tendem a praticar as mesmas estratégias de enfrentamento várias vezes, com apenas pequenas variações, mesmo quando um comportamento não está funcionando. Seu reduzido leque de alternativas acaba sendo rigidamente imposto em situações para as quais não é adequado. Inevitavelmente, eles passam a dirigir ou controlar o ambiente ou as situações interpessoais através da intensidade e rigidez de seus traços, promovendo poderosas restrições no curso da interação. Não conseguindo ser flexíveis, o ambiente deve tornar-se ainda mais, e quando o ambiente não pode ser organizado para atendê-lo, uma crise começa. Consequentemente, o nível de estresse aumenta, ampliando a sua vulnerabilidade, criando outras situações de crise, produzindo cada vez mais percepções distorcidas da realidade e do ambiente social.

Millon et al. (2004) descrevem que a inflexibilidade vivenciada por esses indivíduos estanca suas oportunidades de aprender estratégias novas e mais adaptáveis e a vida se torna muito menos agradável. Uma vez que os indivíduos com transtornos da personalidade dificilmente buscam mudanças, os temas patológicos que dominam suas vidas tendem a se repetir em círculos viciosos. Consequentemente, a vida torna-se uma peça de um ato mau que se repete uma e outra vez. Eles perdem oportunidades de melhoria, provocam novos problemas, e constantemente criam situações que repetem seus fracassos, muitas vezes com

apenas pequenas variações em seus temas autodestrutivos. Assim, é a matriz de personalidade de uma pessoa que constitui seu potencial de adaptação psicológica saudável ou patológica diante dos agravantes da vida (A. Beck et al., 2005; J. Beck, 2005, 2007; Young, Klosko, & Weishaar, 2008).

Estabelecer categorias para os transtornos da personalidade é vantajoso em razão da facilidade de normatizar e fazer diagnósticos relativamente rápidos (APA, 2002; Caballo, 2005). Contudo, é muito importante ter em mente as seguintes considerações: primeiro, normalidade e anormalidade não podem ser distinguidas de forma completamente objetiva (Magnavita, 2004; Millon et al., 2004). Qualquer distinção que se faça nessa área, incluindo as categorias diagnósticas do DSM, são, em parte, construções sociais e artefatos culturais. Um indivíduo “normal” ou “saudável” é geralmente visto como um indivíduo em conformidade com os comportamentos e costumes típicos de seu grupo de referência ou cultura (APA, 2002; Caballo, 2005). Se seus comportamentos são incomuns, irrelevantes, estranhos, exagerados ou excêntricos para seu grupo de referência, geralmente se considera a presença de patologia ou anormalidade.

Segundo, normalidade e patologia residem em um *continuum*: um lentamente desaparece no outro (Millon et al., 2004; Thomas & Segal, 2005). O funcionamento da personalidade existe em gradações e não dentro de limites discretos e estanques como podem naturalmente nos levar a crer as categorias que estabelecem distinções precisas entre os estilos de personalidade e entre normalidade e anormalidade. Existem duas maneiras da patologia da personalidade se tornar mais grave quando se desloca ao longo do *continuum* de saúde à patologia: (a) as características individuais podem se tornar mais intensas em sua expressão. Por exemplo, assertividade pode dar lugar à agressão; uma atitude crítica e de reprovação em relação a si mesmo, pode dar lugar a um extremo de auto-desvalorização; regras e autodisciplina podem dar lugar a uma busca extrema de controle e perfeição para evitar erros;

ou (b) o número de traços mal-adaptivos atribuídos a um determinado tema pode aumentar (Robinson, 2005; Thomas & Segal, 2005).

A **Tabela 1**, baseada em Millon et al., 2004, ilustra como a normalidade do perfil de personalidade obsessivo-compulsiva aos poucos dá lugar ao transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva comparando-se as declarações para um subconjunto de traços.

O DSM-IV-TR (APA, 2002) traz a classificação de 12 transtornos da personalidade, 10 dos quais (paranoide, esquizoide, esquizotípica, antissocial, *borderline*, histriônica, narcisista, esquiva, dependente, obsessivo-compulsiva) estão oficialmente aceitos e 2 (depressiva e passivo-agressiva) são provisórios, aguardando confirmações de pesquisas.

Essas categorias clínicas estão reunidas no DSM-IV-TR (APA, 2002) em três agrupamentos, de acordo com similaridades descritivas: os pacientes com transtornos da personalidade do agrupamento A (paranoide, esquizoide e esquizotípica) se mostram frequentemente estranhos ou excêntricos; aqueles com transtornos da personalidade no agrupamento B (antissocial, *borderline*, histriônica e narcisista) se mostram frequentemente dramáticos, emocionais ou instáveis, e aqueles com transtornos da personalidade no agrupamento C (esquiva, dependente e obsessivo-compulsiva) com frequência se apresentam ansiosos ou medrosos.

Outra forma de descrever os transtornos da personalidade é através do conceito de esquema, segundo o modelo cognitivo-comportamental (A. Beck, Freeman et al., 1993; Young et al., 2008). Descreveremos, no tópico seguinte, as pressuposições desse modelo para que se possa compreender os transtornos de personalidade nesta perspectiva e o fundamento teórico das frases que compõem o *Personality Belief Questionnaire*.

Tabela 1 - *Continuum* das manifestações de alguns traços característicos da personalidade obsessivo-compulsiva: da expressão adaptativa dos traços ao transtorno severo. Adaptado de Millon et al. (2004).

Traço	Adaptativo	Subclínico	Transtorno	Transtorno Severo
Perfeição	“Eu me orgulho do que faço”	“Eu sinto que tenho que trabalhar nas coisas que faço até que fiquem certas e bem-feitas”	“Eu não consigo parar de trabalhar em algo até que fique perfeito, mesmo que ele já satisfaça o que eu preciso”	“Porque nada é bom o suficiente para mim, eu nunca termino qualquer coisa”
Trabalho excessivo	“Eu acredito numa ética de trabalho”	“Eu raramente tiro tempo para lazer ou família”	“Fico louco se algo fica inacabado. Eu acabo nunca tirando férias”	“Entro em pânico se eu tiver que deixar o local de trabalho com algo sem fazer. Fico trabalhando até tarde e geralmente acabo dormindo por lá”
Planejamento e organização	“Eu gosto de considerar minhas escolhas antes de agir em alguma coisa”	“Eu tenho que analisar todas as alternativas antes de tomar decisões”	“Eu busco considerar tantas eventualidades que se torna muito difícil tomar uma decisão”	“Eu fico tão perdido tentando antecipar todas as possibilidades e detalhes que eu acabo adiando as coisas e nunca me comprometo a qualquer coisa”
Senso moral	“Eu gosto de fazer a coisa certa”	“Às vezes, sou intolerante com as pessoas cujos padrões morais estão abaixo dos meus próprios”	“Estou enojado com a frouxidão moral e indulgência que eu vejo em 99% da humanidade”	“Eu acho que quem se desvia do reto e estreito caminho deve ser rapidamente punido pelos seus pecados”
Conscienciosidade	“Eu gosto de usar meu tempo fazendo as coisas direito”	“Às vezes eu penso que os outros vão me desaprovar mesmo que encontrem apenas um pequeno erro”	“Eu acho difícil parar de trabalhar até que eu me certifique que os outros ficarão satisfeitos com o trabalho que eu fiz”	“Eu verifico várias vezes meu trabalho até que eu esteja absolutamente certo de que ninguém poderá encontrar um erro no que eu fiz”
Reserva emocional	“Eu não costumo ficar empolgado ou excitado por qualquer coisa”	“Eu não acredito que eu deva expressar muita emoção”	“Há poucas coisas que eu gosto ou que me divertem, mas até mesmo com elas, eu não posso me deixar levar”	“Eu nunca encontrei qualquer finalidade para a emoção. Eu nunca senti qualquer gozo na vida”

2 – O modelo cognitivo e os transtornos da personalidade

Os transtornos da personalidade, apesar de terem sido alvo de discussão na área clínica desde o início da história da psicoterapia, vêm sendo tratados na literatura, até alguns anos atrás, precipuamente sob a orientação teórica psicanalítica (A. Beck et al., 2005; J. Beck, 2005). É relativamente recente a abordagem psicoterapêutica dos transtornos da personalidade na perspectiva cognitivo-comportamental, mas sua contribuição para o entendimento e tratamento desses transtornos vem crescendo de forma significativa e promissora (A. Beck, 1991, 1993, 2005b, 2006; Butler, Chapman, Forman, & A. Beck, 2006).

De acordo com a abordagem cognitivo-comportamental a personalidade pode ser vista como uma organização, relativamente estável, formada por diferentes estruturas denominadas esquemas (A. Beck, 2005a; Bandura, 2001; Cervone, 2000; Freeman & Dattilio, 1998; Funder, 2001).

Segundo A. Beck (2005a) e A. Beck et al. (2005) os esquemas podem ser definidos como representações mentais de diferentes aspectos do sistema biopsicossocial humano – aspectos cognitivo, afetivo, comportamental, motivacional e fisiológico – organizadas de acordo com seus conteúdos, estruturas e funções que lhe são próprios.

Esses esquemas se desenvolvem e se organizam desde a infância a partir de uma interação entre o temperamento inato do indivíduo e fatores ambientais. Essa interação entre fatores ambientais e genéticos confere padrões cognitivos, afetivos, motivacionais, comportamentais e fisiológicos aos perfis de personalidade, deixando o indivíduo pronto para reagir em cada uma dessas esferas. A personalidade fica, portanto, conformada a uma maneira muito peculiar ao modo como esses esquemas se configuram e adaptam o indivíduo às contingências. Em outras palavras, a expressão correlacionada e simultânea de todos os seus esquemas faz o indivíduo ser o que ele é (A. Beck, 2005a; A. Beck et al., 2005; Knapp, 2004).

Os esquemas não são necessariamente disfuncionais. Eles operam a serviço da adaptação do indivíduo às situações, seja de forma funcional ou disfuncional, estabelecendo estratégias adaptativas ou não (Greenberg & A. Beck, 1989; Padesky, 1994).

Ao buscar integrar e atribuir significado aos eventos, os esquemas agem de maneira síncrona, de sorte que o organismo possa responder, quase que instantaneamente, a todas as variáveis relevantes de uma situação específica, que culmina nos comportamentos manifestos, denominados estratégias comportamentais. Os esquemas ativados fazem a seleção e implementação das estratégias comportamentais, adaptativas ou não às demandas da situação, conforme uma organização esquemática própria (A. Beck, 2005a; J. Beck, 2007; Neenan & Dryden, 2000).

Na abordagem cognitivo-comportamental essas estratégias consequentes da expressão dos esquemas correspondem às *disposições da personalidade* (por exemplo: inibição, vigilância, arrogância, sociabilidade, desconfiança, autonomia) geralmente tratadas como traços nas teorias da personalidade e no sistema DSM (APA, 2002). Esses atributos, qualidades do ser ou traços podem ser conceituados, na teoria cognitiva da personalidade, como sendo a expressão manifesta dos esquemas, através de padrões comportamentais, denominados estratégias. Os traços da personalidade são, portanto, o repertório de estratégias básicas de uma pessoa, do ponto de vista comportamental e funcional (A. Beck et al., 1993, 2005).

Segundo A. Beck et al. (2005), algumas estratégias, no entanto, são vivenciadas de forma disfuncional. Este mau ajuste do indivíduo à realidade pode ser um fator no desenvolvimento de comportamentos que diagnosticamos como *transtorno da personalidade*. O transtorno da personalidade é, portanto, visto como a manifestação exagerada, inflexível e desadaptativa de estratégias comportamentais ou traços, resultantes da ação conjunta de todos

os esquemas a uma dada situação (Friedberg & McClure, 2004; Hawton, Salkovskis, Kirk, & Clark, 1997; Young et al., 2008).

Dentre os esquemas formadores da personalidade o esquema cognitivo tem um algum destaque sobre os demais em razão de seu papel fundamental como mediador cognitivo das respostas comportamentais, motivacionais, fisiológicas e afetivas provenientes dos outros esquemas (Hawton et al., 1997; Freeman & Dattilio, 1998).

Considerando esse destaque e a relevância dos esquemas cognitivos disfuncionais para a compreensão da psicopatologia dos transtornos da personalidade na abordagem cognitivo-comportamental e também para a compreensão do alcance do *Personality Belief Questionnaire* em intervenções clínicas ou em pesquisa, alguns aspectos fundamentais relacionados a esse esquema serão desenvolvidos a seguir.

Os esquemas cognitivos são estruturas cognitivas básicas do processamento de informações que modulam a recepção e a resposta aos estímulos externos e internos. Por meio deles, os indivíduos elaboram, selecionam e codificam ativamente as informações, interpretando os eventos e construindo uma visão de si e do mundo. Os esquemas cognitivos precedem, selecionam e acionam estratégias comportamentais relevantes e moldam profundamente o funcionamento emocional e comportamental dos indivíduos (A. Beck, 2005a; A. Beck, Rush, Brian, & Emery, 1982; Freeman & Dattilio, 1998; Stallard, 2004; J. Beck, 1997; Young et al., 2008).

Como elementos cognitivos fundamentais constituintes e formadores desses esquemas foram hipotetizados três níveis de cognição: os pensamentos automáticos, as crenças intermediárias e as crenças centrais (J. Beck, 1997; Knapp, 2004; Padesky, 1994). Esses pensamentos são desenvolvidos desde cedo na infância, são reforçados como consequência de repetidas experiências de aprendizagem ao longo da vida e são consolidados com o início da adolescência ou da vida adulta (A. Beck et al., 2005; J. Beck, 1997; Young et al., 2008).

Os pensamentos automáticos, segundo J. Beck (1997), são aqueles que normalmente nos ocorrem diariamente, nos diferentes contextos e momentos do dia-a-dia, a maioria dos quais sem reflexão consciente, pois acontecem de forma automática espontânea, repentina, involuntária. Os pensamentos automáticos atuam como uma lente pela qual as situações são avaliadas, agindo como um viés interpretativo da realidade experimentada, e influenciam fortemente o humor e as estratégias comportamentais do indivíduo. Devido sua natureza automática e inconsciente, as pessoas não estão sempre cientes desses pensamentos, e isso faz com que seja bastante provável que elas aceitem de forma não-crítica os pensamentos automáticos como verdadeiros.

De acordo com J. Beck (1997), a partir dos pensamentos automáticos é possível chegar a níveis de cognição mais profundos: as crenças centrais e intermediárias. Estas crenças e os pensamentos automáticos se inter-relacionam de modo que as primeiras constituem fontes ou matrizes que moldam e alimentam as segundas.

As crenças centrais são as mais essenciais e profundas porque estão relacionadas aos conceitos e ideias mais centrais que a pessoa tem a respeito de si mesma, do seu *self* (J. Beck, 1997, 2007; Padesky, 1994). Essas crenças se desenvolvem a partir da infância, à medida que a criança interage com outras pessoas significativas e encontra, ao longo de seu desenvolvimento, situações que as confirmem e as fortalecem.

Com a exposição do indivíduo às influências externas indesejadas e a eventos traumáticos específicos, as crenças centrais podem se tornar disfuncionais (A. Beck et al., 2005; J. Beck 1997, 2007; Young & Klosko, 1994). Elas se tornam extremas, rígidas e imperativas fazendo com que os indivíduos se veem vulneráveis frente a novas experiências e novos conceitos, o que impede a renovação de suas crenças disfuncionais já estabelecidas.

As crenças centrais disfuncionais podem ser categorizadas nas esferas do desamparo, desamor e do desvalor conforme o conteúdo que essas crenças refletem sobre a visão que o

indivíduo tem de si mesmo, como por exemplo, “sou frágil e impotente”, “sou alguém incapaz de ser amado” ou “eu sempre falho, sou um fracasso” (J. Beck, 1997, 2007; Knapp, 2004). Existem também crenças centrais disfuncionais cujos conteúdos refletem a visão que o indivíduo tem acerca das outras pessoas e a respeito do mundo em geral, como por exemplo, “outras pessoas são frequentemente muito exigentes” ou “a vida é injusta e cruel” (J. Beck, 1997, 2007).

Knapp (2004) observa que essas crenças geralmente se apresentam de forma incondicional (sempre do mesmo modo), absolutista (sem margem de adaptações), generalizada (aplicada da mesma forma a diferentes contextos e pessoas), e cristalizada (difícil de mudar). Crenças centrais disfuncionais ativadas tornam o processamento de informação tendencioso, fazendo com que o indivíduo interprete a realidade reforçando os aspectos que as confirmam e negligenciando os aspectos que as contradizem. É por essa razão que elas se tornam tão difíceis de serem removidas (A. Beck et al., 2005; J. Beck 2005; Young & Klosko, 1994).

Conforme o modelo cognitivo pressupõe, nos transtornos de personalidade os indivíduos têm suas crenças centrais disfuncionais ativadas na maior parte do tempo trazendo consequências indesejáveis em quase todos os contextos (A. Beck et al., 2005; J. Beck 2005; Young et al., 2008). Por exemplo, pessoas com transtorno da personalidade esquiva mantêm crenças centrais tais como “eu sou socialmente inapto e indesejável” e “eu não posso tolerar sentimentos desagradáveis”. Tais crenças podem explicar com parcimônia uma ampla gama de pensamentos e comportamentos desse transtorno, tais como a rejeição frequentemente esperada e a conseqüente insuportável angústia psíquica; a excessiva concentração em seus defeitos e no potencial de avaliação negativa dos outros para consigo; a busca por evitar ou retirar-se de situações sociais onde os outros possam descobrir suas falhas (Beck et al., 1993, 2001, 2005).

As crenças intermediárias, também denominadas crenças condicionais ou instrumentais, consistem em atitudes, regras e suposições que ajudam o indivíduo a lidar e validar suas crenças centrais (Freeman & Dattilio, 1998; J. Beck, 1997; Knapp 2004). Elas geralmente se configuram como pensamentos do tipo “tenho que”, “devo ou deveria” (imperativos, na forma de regras) e pensamentos condicionais do tipo “se...então” (inferências, pré-suposições) baseados na visão que o indivíduo tem de si mesmo, das outras pessoas e do mundo. Por exemplo, “se eu me mantiver submisso às pessoas, elas vão gostar de mim”, ou “eu devo ficar atento para não ser enganado”.

Crenças desse tipo modelam os comportamentos de enfrentamento que o indivíduo usa na tentativa de lidar com suas crenças centrais. Elas cumprem o propósito de garantir uma suposta estabilidade e continuidade de atividades na vida sem maiores problemas ou perigos, desde que sejam obedecidas e aplicadas sempre da mesma forma às situações. Quando não cumpridas, o indivíduo acredita ficar vulnerável diante de suas crenças centrais disfuncionais e negativas (sobre si mesmo, sobre as pessoas e o mundo) que são invariavelmente ativadas (Friedberg & McClure, 2004; J. Beck, 1997; Knapp 2004).

Nos transtornos da personalidade, em razão dos comportamentos de enfrentamento se estabelecerem como um padrão inflexível de resposta, o indivíduo acaba tendo um número reduzido de alternativas para as diferentes demanda da vida, se tornando incapaz de usar estratégias mais adequadas a cada nova situação. Consequentemente, certos padrões de comportamento (ou estratégias comportamentais) apresentam-se superdesenvolvidos, enquanto outros se encontram subdesenvolvidos (J. Beck, 2007). Pessoas com personalidade saudável são capazes de usar eficientemente várias estratégias para diferentes contextos (Friedberg & McClure, 2004; J. Beck, 1997, 2007; Millon et al., 2004; Neenan & Dryden, 2000; Young et al., 2008).

As estratégias comportamentais não podem ser avaliadas como “boas” ou “más”. Elas são “mais” ou “menos” adaptativas de acordo com a situação e seus objetivos (J. Beck, 2007). Inicialmente, podem ter sido adequadas, mas ao longo da vida podem se mostrar inadequadas, inflexíveis e compulsivas. O essencial é avaliar a extensão e rigidez das estratégias. Por exemplo, é adequado que as pessoas sejam hipervigilantes quando caminham por um bairro perigoso, mas não é adequado que sejam paranoicas em relação aos seus verdadeiros amigos. É adequado que as pessoas procurem realizar suas obrigações com perfeição, mas não é adequado que se critiquem excessivamente por suas falhas ou erros (J. Beck, 2007).

Outra importante premissa do modelo cognitivo dos transtornos da personalidade tem como base a observação de que as distorções do pensamento são bastante prevalentes nesses transtornos. As distorções cognitivas são vieses sistemáticos na forma como indivíduos processam as informações e interpretam suas experiências. Mesmo quando a percepção de um indivíduo para uma dada situação é acertada, as informações por ele recebidas sofrem o impacto de suas distorções cognitivas, levando-o a conclusões equivocadas e/ou a assumir estratégias comportamentais inapropriadas para a situação (A. Beck et al., 2005; J. Beck, 1997, 2007; Leahy, 2006; Neenan & Dryden, 2000).

Dentre os tipos vários tipos de distorções cognitivas se apresentam (a) os pensamentos dicotômicos ou polarizados, que leva o indivíduo a ver uma situação em duas categorias apenas, mutuamente exclusivas, em vez de um *continuum*; (b) os pensamentos de catastrofização ou superestimação de ocorrências negativas, que leva o indivíduo a pensar que o pior de uma situação irá ocorrer, sem levar em consideração a possibilidade de outros desfechos; (c) a supergeneralização, que leva o indivíduo a avaliar uma característica específica em uma situação específica como sendo apropriada a todas as situações; (d) a personalização, que faz o indivíduo assumir culpa ou responsabilidade por acontecimentos negativos, ou ainda, receber para si alusões injuriosas de outrem, como se fossem indiretas

sobre seu comportamento ou desempenho; (e) a desqualificação do positivo, que promove a desconsideração das experiências positivas por serem triviais ou por entrarem em conflito com uma visão negativa que o indivíduo possua; (f) a rotulação, que leva o indivíduo a colocar um rótulo global, rígido em si mesmo ou numa pessoa, em vez de rotular a situação ou o comportamento específicos; (g) a leitura mental, que leva o indivíduo a presumir, sem evidências que sabe que os outros estão pensando, desconsiderando outras possibilidades; e (h) a vitimização, que leva o indivíduo sempre a se considerar injustiçado ou não-compreendido (A. Beck et al., 2005; J. Beck, 1997, 2007; Knapp, 2004; Leahy, 2006; Neenan & Dryden, 2000).

Formas de processamento de informações disfuncionais como esses podem estabelecer e promover a continuidade dos esquemas cognitivos com suas crenças disfuncionais, presentes nos transtornos da personalidade (A. Beck et al., 2005; Freeman & Dattilio, 1998; J. Beck, 1997). É possível, portanto, tornar-se bastante convencido de crenças errôneas, mesmo aquelas que, no final levam a atitudes ou resultados contraproducentes e desadaptados. Elas surgem em terapia como afirmativas certas e seguras por parte do paciente, mas ele terá que estar motivado a questionar a validade delas, ainda que lhe pareçam lógicas e confirmadas pela sua experiência (A. Beck & Alford, 2000).

De acordo com o modelo cognitivo, portanto, as diferenças entre os transtornos estariam basicamente no conteúdo dos esquemas cognitivos (crenças disfuncionais) e nas interpretações enviesadas (distorções cognitivas) presentes e associados de maneira específica a cada transtorno. Fatores cognitivos como estes estariam fortemente relacionados à etiologia, curso e tratamento dos transtornos psicológicos (A. Beck et al., 1982; A. Beck et al., 2005, A. Beck, 2005a; Friedberg & McClure, 2004; Hawton et al., 1997; J. Beck, 1997, 2007; Neenan & Dryden, 2000; Young et al., 2008).

3 – O Personality Belief Questionnaire

O *Personality Belief Questionnaire* (PBQ) é um instrumento clínico e de pesquisa, desenvolvido por A. Beck e J. Beck (1991), destinado a avaliar crenças disfuncionais associadas aos transtornos da personalidade do Eixo II, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2002).

A ideia central do questionário está baseada no pressuposto de que as diferenças descritivas dos transtornos da personalidade podem estar apoiadas em diferentes padrões de crenças tanto quanto são percebidas nos diferentes sintomas clínicos (A. Beck et al., 1993, 2005).

O *Personality Belief Questionnaire* (PBQ) possui 126 itens que, na sua configuração inicial, avaliavam 9 escalas (14 itens por escala) que correspondiam aos 9 transtornos de personalidade (evitativa, dependente, passivo-agressiva, obsessivo-compulsiva, antissocial, narcisista, histriônica, esquizoide/esquizotípica e paranoide). Seus itens foram elaborados baseados em investigação clínica e considerações teóricas, e foram pela primeira vez publicados por A. Beck et al. (1993) como uma lista de esquemas para vários transtornos de personalidade. A partir dessa proposição, estudos interessados em avaliar a validade do PBQ foram surgindo.

Trull, Goodwin, Schopp e Hillenbrand (1993) aplicaram o PBQ a uma amostra de estudantes de faculdade e encontraram índices favoráveis de consistência interna das escalas e correlações modestas com o *Personality Disorder Questionnaire-Revised* (Hyler, Skodol, Oldham, Kellman, & Doidge, 1992) e com o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Personality Disorders* (MMPI-PD; Morey, Waugh, & Blashfield, 1985).

Fydrich, Schmitz, Hennch e Bodem (1996) aplicaram a versão germânica do PBQ em uma amostra de 282 pacientes psiquiátricos e encontraram boa fidedignidade das escalas e

correlações moderadas com a escala para diagnóstico dos transtornos de personalidade SCID-II (*Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR Axis II Personality Disorders*).

Em um amplo estudo com 756 pacientes psiquiátricos ambulatoriais, realizado por A. Beck et al. (2001) estabeleceram índices de consistência interna e teste-reteste favoráveis para o PBQ. O exame da validade de critério feito pelos pesquisadores revelou resultados que apoiam o fato das crenças do PBQ estarem teoricamente ligadas a seus transtornos específicos, fato esse verificado especialmente através dos resultados apresentados pelos transtornos da personalidade esquiva, dependente, obsessivo-compulsiva, narcisista e paranoide. Os achados apoiaram fortemente as previsões da teoria. Em geral, os pacientes com apenas um destes diagnósticos no Eixo II pontuaram mais alto na escala PBQ do que os pacientes com diagnósticos alternativos no Eixo II. Além disso, pacientes obtiveram escores significativamente mais altos na escala do PBQ teoricamente associada com o diagnóstico do Eixo II, do que em escalas do PBQ associadas com outros transtornos de personalidade.

Um estudo subsequente realizado por Butler, Brown, Beck e Grisham (2002) buscaram identificar um grupo de 14 crenças associadas com o transtorno da personalidade *borderline*. As crenças foram avaliadas através da própria aplicação do PBQ que se destinava a avaliar as crenças associadas a 9 distúrbios de personalidade diferentes, embora ainda não avaliasse especificamente o transtorno *borderline*. Os itens que se encontraram associados ao transtorno da personalidade *borderline* e o discriminavam dos outros transtornos emergiram dos itens que compunham as escalas dependente, paranoide, esquiva e histriônica do PBQ. Esta sobreposição de itens da escala *borderline* com os itens da escala de outros transtornos se explica em razão dos indivíduos com esse transtorno de personalidade possuir crenças disfuncionais associadas a uma ampla variedade de transtornos do Eixo II (Butler et al., 2002).

A nova escala formada pelos itens emergentes mostrou boa consistência interna e validade diagnóstica entre os pacientes estudados. O resultado desse estudo passa a possibilitar o uso da escala PBQ como auxílio no diagnóstico e na terapia também do transtorno da personalidade *borderline*. A partir deste estudo, o PBQ passa a possuir 10 escalas (com 14 itens por escala) correspondentes aos 10 transtornos de personalidade e com os mesmos 126 itens da configuração inicial.

Nelson-Gray, Huprich, Kissling, e Ketchum (2004) avaliaram as propriedades psicométricas do PBQ em conjunto com um teste bastante similar chamado *Thoughts Questionnaire* (Nelson-Gray, 1991, citado em Nelson-Gray et al., 2004). Os resultados mostraram uma boa consistência interna, uma boa confiança teste-reteste e apontaram para a necessidade de novos estudos que avaliassem a validade discriminativa desses instrumentos.

Em Filadélfia, anos mais tarde, Butler et al. (2007), buscaram obter, através de um estudo em duas etapas, uma versão mais refinada e reduzida do PBQ para propósitos clínicos e de pesquisa. No primeiro estágio, eles tomaram dados de um arquivo de 920 pacientes psiquiátricos adultos, que haviam respondido o PBQ e outros testes, entre os anos de 1995 e 2001, durante o processo de admissão em clínica. Nestes arquivos, os pesquisadores identificaram para cada grupo de 14 itens de cada escala do PBQ os 7 itens que tinham as maiores correlações item-total. Estes itens foram, então, tomados para formar a escala experimental da forma reduzida do PBQ, denominada *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (PBQ-SF; Anexo A).

Usando ainda os dados de arquivo, a escala experimental reduzida foi testada e mostrou como resultado boa consistência interna e correlação favorável com o SCID-II (*Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR Axis II Personality Disorders*), especialmente para os cinco transtornos de personalidade (esquiva, dependente, obsessivo-compulsivo, narcisista e

paranoide) para os quais havia numero de pacientes suficientes para fazer o exame de validade.

No segundo estágio da pesquisa, Butler et al. (2007), investigaram como a escala experimental (PBQ-SF) se comportava quando aplicada a uma nova amostra de pacientes psiquiátricos. Entre os anos de 2003 e 2004, 160 pacientes psiquiátricos adultos foram cuidadosamente avaliados e diagnosticados durante o processo de admissão em clínica. Além do PBQ-SF, os pacientes respondiam a outros testes que avaliavam fatores tais como depressão, ansiedade, funcionamento psicossocial, atitudes disfuncionais, neuroticismo, auto-estima e suporte social. Os resultados encontrados foram dignos de nota, uma vez que a escala possuía apenas 7 itens. Os dados forneceram apoio para uma boa confiabilidade teste-reteste e boa consistência interna e, de forma geral, encontraram que as escalas do PBQ-SF se correlacionaram significativamente com um conjunto de outras variáveis clínicas.

Os resultados desta investigação são considerados preliminares para o PBQ-SF. Pesquisas futuras para investigar a estrutura fatorial do PBQ-SF, bem como a sua sensibilidade aos efeitos do tratamento, são apontadas como necessárias (Butler et al., 2007). Uma vez que foram usadas escalas experimentais na primeira etapa da pesquisa, para avaliar o critério de validade, é prematuro dizer com confiança que as correspondentes escalas do PBQ-SF possa fazer a discriminação entre os transtornos de personalidade, da mesma forma que a escala original. Também, o critério de validade das escalas passivo-agressiva, antissocial, histriônica e esquizoide/esquizotípica do PBQ-SF precisam ser melhor testadas. No entanto, com base nos resultados preliminares deste estudo, o PBQ-SF parece ser uma promessa como uma medida prática de crenças dos transtornos da personalidade.

Recentemente, um grupo de pesquisadores (Savoia et al., 2006) adaptou o *Personality Belief Questionnaire* para o português intitulando-o como Questionário de Crenças dos Transtornos de Personalidade (Anexo B). O inventário foi aplicado a 21 participantes

bilíngües nas versões inglesa e portuguesa, procedendo-se a avaliação dos índices de concordância entre as duas versões para cada transtorno e por indivíduo. Os resultados indicaram ser a tradução confiável ao inventário original com relação à compreensão das questões indicando uma boa qualidade e confiabilidade da versão em português.

Conforme abordamos anteriormente, o PBQ-SF em seu processo de elaboração foi construído com as mesmas instruções e questões idênticas às utilizadas na forma longa original. A observação da equivalência total entre as versões do instrumento em sua forma breve (PBQ-SF) e longa (PBQ), nos oportuniza o aproveitamento da tradução já existente no Brasil (Savoia et al., 2006) para a composição da versão reduzida, designada por Questionário de Crenças dos Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida (Anexo C), objeto de estudo desse projeto.

Com o objetivo de simplificar a citação dos questionários nesse projeto – evitando-se criar novas siglas para o mesmo objeto de estudo, ainda que em línguas diferentes – continuaremos a nos referir à versão em português das escalas longa e reduzida pelas suas abreviaturas originais em inglês, como são mais conhecidas nas pesquisas e literatura. Assim, iremos nos referir como “PBQ em português” ou “versão brasileira do PBQ”, para a forma longa do questionário na Língua Portuguesa; e “PBQ-SF em português”, ou “versão brasileira do PBQ-SF”, para a forma reduzida do questionário na Língua Portuguesa.

Os **Quadros 01 a 10** (Anexo D) destacam as crenças centrais e instrumentais disfuncionais que compõem cada um dos itens das escalas da versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (Butler, A. Beck, & Cohen, 2007; Savoia et al., 2006; Anexo C). Os quadros detalham (a) as *crenças centrais sobre si mesmo*, que permitem ao respondente avaliar em que grau essas afirmativas expressam sua própria maneira de se perceber (por exemplo, “Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta”), de se avaliar em termos de algumas preferências (por exemplo, “Em muitas situações eu prefiro

ficar sozinho”) e de se perceber em uma determinada condição (por exemplo, “Eu não consigo enfrentar situações como outras pessoas”); (b) as *crenças centrais sobre os outros ou o mundo em geral*, que permitem ao respondente avaliar em que grau essas declarações expressam sua própria maneira de perceber quem é o outro (por exemplo, “As pessoas possuem motivos escondidos”), ou de perceber o mundo e sua dinâmica (por exemplo, “Nós vivemos em uma selva e sobrevive aquele que for mais forte”); (c) as *crenças instrumentais ou intermediárias* que permitem ao respondente avaliar em que grau essas declarações expressam sua própria maneira de agir (por exemplo, “Quando eu quero alguma coisa eu devo fazer o que for necessário para consegui-la”) ou como pensam que deveriam agir (“Eu deveria evitar situações desagradáveis a todo custo”); e (d) *os supostos padrões comportamentais* (traços) presentes de modo implícito na declaração de cada crença e que estão sendo indiretamente avaliados (por exemplo, “malícia, desconfiança”, “indiferença à opinião alheia”).

É importante observar que um item pode carregar conteúdos de crenças centrais e instrumentais em sua declaração. Por exemplo, na declaração “*O fato de eu achar que alguém é muito autoritário me dá o direito de desrespeitar suas ordens*”, podem ser encontradas crenças centrais sobre si mesmo (“tenho o direito de desrespeitar ordens, isto é, eu me vejo privilegiado com esse direito”); crenças centrais sobre o outro (“o outro pode ser autoritário, isto é, as pessoas são ou podem ser assim”); e crenças instrumentais sobre como se deveria agir (“não devo respeitar as ordens porque tenho direitos e porque outro é autoritário”). Essa última crença instrumental não se encontra explícita na declaração, mas é uma possível inferência. Crenças desse tipo estão assinaladas com *i* (*inferência*) nos quadros.

O PBQ pode ser usado clinicamente de duas maneiras: para fornecer um perfil cognitivo e para identificar crenças disfuncionais que podem ser abordadas no tratamento (A. Beck et al., 1993; Butler et al., 2007; Trull et al., 1993). Um dos benefícios de um perfil PBQ é que a

força relativa das crenças em várias desordens de personalidade pode ser vista. Isso é importante, pois o paciente com transtorno de personalidade raramente apresenta um transtorno de personalidade “puro”, e é comum co-existirem fatores de diferentes distúrbios de personalidade (APA, 2002, Clark, 1999, Millon, 2004).

As respostas do PBQ podem ser revistas com os pacientes para explorar várias áreas importantes: por exemplo, como certas crenças estão afetando suas emoções e comportamento e como essas crenças podem ter sido aprendidas e mantidas, mesmo em face de importantes dados contraditórios. Os pacientes também podem ser orientados a avaliar as vantagens e desvantagens de manter essas crenças e desenvolver crenças alternativas mais adaptativas (A. Beck et al., 1993; Butler et al., 2007).

Do ponto de vista clínico, a identificação dessas crenças é um ponto de partida fundamental nos processos diagnósticos, conceituação de casos, avaliação psicológica e intervenções terapêuticas (A. Beck et al., 1993, 2005; J. Beck, 1997; Young et al., 2008; Young & Klosko, 1994). Nesse contexto, o *Personality Belief Questionnaire* promete ser um instrumento clínico muito útil para avaliar as crenças disfuncionais que caracterizam e perpetuam os transtornos da personalidade (A. Beck et al., 1993, 2001). Uma vez identificadas, as crenças desadaptativas revelam temas conceituais que articulam a história de desenvolvimento do indivíduo, estratégias compensatórias, reações disfuncionais e situações atuais dos pacientes.

As escalas podem ser aplicadas separadamente ou, mais geralmente, juntas. O PBQ em sua versão longa leva cerca de 20 minutos para ser respondido e na versão reduzida, cerca de 10 minutos.

II – OBJETIVO

O objetivo desse trabalho foi realizar, em uma amostra de alunos universitários, o estudo das propriedades psicométricas da versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (PBQ-SF) (Butler et al., 2007; Savoia et al., 2006), contemplando a verificação da consistência interna e a realização de análise fatorial como indicativo para a validade de construto (Anastasi & Urbina, 2000; Hogan, 2006; Pasquali, 2004, 2005).

IV – MÉTODO

1 – Participantes

A amostra da pesquisa foi composta por 700 estudantes, com 335 participantes do sexo masculino (47,9%), e 365 participantes do sexo feminino (52,1%), de idade igual ou superior a 18 anos (idade média de 21,6 e desvio padrão 4,7) e de diferentes cursos da graduação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, na cidade de Uberlândia/MG.

O tamanho da amostra foi referenciado a partir de autores (Hair, Anderson, 2005; Pasquali, 2005; Tabachnick & Fidell, 1989) que citam a proporção de 10 participantes para cada item do instrumento como um tamanho favorável para se realizar uma análise fatorial. A **Tabela 2** resume as principais informações sobre o perfil da amostra.

Tabela 2 – Dados sobre a amostra da pesquisa (N = 700).*Alunos da Universidade Federal de Uberlândia - UFU*

Idade	Frequência	Frequência %
18 a 20	348	49,7%
21 a 23	236	33,7%
24 a 26	51	7,3%
27 a 29	26	3,7%
30 a 32	14	2,0%
33 a 35	10	1,4%
36 a 38	5	0,7%
39 a 55	10	1,4%
Média	21,6 anos	
Desvio Padrão	4,7 anos	

Cursos de Graduação e Sexo	Masculino	Feminino	Total
Engenharia Elétrica	65	9	74
Geografia	33	38	71
Biologia	16	52	68
Educação Física	30	36	66
Administração	19	31	50
Letras	6	40	46
Direito	21	21	42
Engenharia Química	22	16	38
Computação	28	4	32
Medicina Veterinária	11	18	29
Engenharia Ambiental	10	14	24
Música	15	8	23
Agronomia	14	7	21
Química Industrial	8	12	20
História	9	9	18
Engenharia Biomédica	7	11	18
Nutrição	0	18	18
Fisioterapia	2	13	15
Física	12	2	14
Filosofia	7	6	13
Totais	335	365	700
Totais %	47,9%	52,1%	100%

2 – Material

Para a coleta de dados foi utilizada a versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (PBQ-SF; Butler et al., 2007; Savoia et al., 2006; Anexo C), com a devida permissão dos autores, conforme carta em anexo (Anexo E).

O PBQ-SF objetiva avaliar crenças disfuncionais associadas aos transtornos da personalidade do Eixo II do sistema DSM (APA, 2002). Sua elaboração se baseia na hipótese

de que as diferenças descritivas dos transtornos da personalidade podem ser percebidas em diferentes padrões de crenças (A. Beck et al., 1993).

Apesar de atualmente não existir publicação da versão brasileira da forma reduzida do *Personality Belief Questionnaire* (PBQ), verificou-se que, em sua língua original, a forma breve do instrumento (PBQ-SF) diferencia-se de sua forma longa (PBQ) apenas pelo número de questões: os 65 itens que compõem o PBQ-SF foram tirados dos 126 itens da escala original PBQ. Esta equivalência entre as versões longa e reduzida oportunizou o aproveitamento do trabalho de adaptação do questionário PBQ, realizado e publicado no Brasil por Savoia et al. (2006) (Anexo B), para a composição da versão brasileira do PBQ-SF (Anexo C).

O PBQ-SF é formado por 65 afirmativas e uma escala tipo *likert* variando de (0) “Eu não acredito nisso” a (4) “Acredito totalmente”, para pontuação de acordo com a percepção do examinando. Cada grupo de 7 declarações compõe uma escala que corresponde a um transtorno da personalidade. No total, as 10 escalas avaliam 10 transtornos da personalidade: paranoide, esquizoide/esquizotípica, antissocial, *borderline*, histriônica, narcisista, evitativa, dependente, obsessivo-compulsiva, passivo-agressiva.

O número 65 (e não 70) de itens no instrumento se justifica porque o transtorno da personalidade *borderline* possui duas questões próprias e cinco questões compartilhadas com outros transtornos (evitativa, dependente, paranoide), conforme apontou o estudo de Butler et al. (2002). Essa sobreposição dos itens da escala *borderline* com os itens da escala de outros transtornos se deve ao fato, segundo os autores do teste, de que os indivíduos com esse transtorno de personalidade têm crenças disfuncionais associadas a uma ampla variedade de transtornos do Eixo II (Butler et al., 2002). A **Tabela 3** mostra os itens que compõem as escalas do PBQ-SF.

Tabela 3 – A composição das escalas do PBQ-SF.

Escalas / Abreviação		Itens da Escala								Nro itens
Paranoide	PAR	3	13	14	17	24	48	49		7
Esquizoide/Esquizotípica	EZQ	12	25	28	29	36	50	53		7
Antissocial	ANT	23	32	35	38	42	59	61		7
<i>Borderline</i>	BOR	31	44	45	49	56	64	65		7
Histriônica	HIST	8	22	34	37	52	54	55		7
Narcisista	NAR	10	16	26	27	46	58	60		7
Esquiva	ESQ	1	2	5	31	33	39	43		7
Dependente	DEP	15	18	44	45	56	62	63		7
Obsessivo-compulsiva	OBS	6	9	11	19	30	40	57		7
Passivo-agressiva	PAS	4	7	20	21	41	47	51		7
Total de itens considerando cada escala										70
Total de itens do Questionário (5 itens em sobreposição)										65

Estrutura de variáveis e de significado dos itens do PBQ-SF

Podemos entender a configuração do PBQ-SF sob o ponto de vista dos diferentes níveis de variáveis que ele apresenta em sua constituição. A variável mais evidente é a variável-crença, identificada em cada um dos 65 itens que formam o questionário. Cada variável-crença carrega em sua declaração um conceito que pode caracterizar ou conferir uma qualidade ao indivíduo, denominada traço (padrão comportamental estável no tempo), configurando, assim, uma variável-traço.

Um conjunto específico de variáveis-crenças ou de variáveis-traços, por sua vez, configura a um perfil ou transtorno de personalidade, que corresponde à variável-perfil. Desta forma, temos a configuração dos seguintes níveis de variáveis: variável crença → variável traço → variável perfil/transtorno da personalidade.

Como exemplo, a declaração da variável-crença “*As pessoas tentarão me usar ou me manipular se eu não tomar cuidado*” carrega o conceito latente de uma variável-traço

“*desconfiança do outro*”, que associada a outras variáveis-traços (malícia, vigilância, por exemplo), vão configurar uma variável-perfil “*paranoide*”. Altos escores da variável-perfil paranoide, por sua vez, podem apontar para o “*transtorno da personalidade paranoide*”.

Assim, através dos escores das 65 crenças (variáveis-crenças) busca-se mensurar os traços (variáveis-traços) dos indivíduos respondentes, que constituem o núcleo ou padrão de seu perfil ou de seu transtorno (variável-perfil/transtorno).

Todos os itens do PBQ-SF são pontuados na mesma direção, onde altos escores indicam níveis crescentes de disfunção. O escore para cada perfil de personalidade é derivado da soma dos escores dos 7 itens respectivos a cada escala. O escore total do questionário é obtido pela soma dos escores das 10 escalas (ainda que a soma dos escores de todos os perfis em um único escore global não faça muito sentido do ponto de vista da personalidade).

Os padrões de crenças disfuncionais que formam os conteúdos das declarações do PBQ-SF são padrões cognitivos representativos dos transtornos da personalidade caracterizados no sistema DSM (APA, 2002), propostos através do trabalho clínico e teórico de Beck e colaboradores (Beck, et al, 1993; Butler et al., 2002).

As declarações do PBQ-SF podem ser organizadas de acordo com os tipos de crenças a que se referem, conforme já explicado no item 3 da introdução deste estudo e apresentadas nos **Quadros 01 a 10** (Anexo D). Expondo aqui novamente de modo resumido, existem (a) declarações cujo conteúdo está relacionado às “crenças centrais relacionadas à percepção que o indivíduo tem sobre si mesmo”; (b) declarações cujo conteúdo se relaciona às “crenças centrais relacionadas à percepção que o indivíduo nutre sobre os outros, o mundo e a vida em geral”; e (c) declarações cujo conteúdo se relaciona “às crenças intermediárias, ou instrumentais sobre o modo como o indivíduo acredita que deveria agir em determinadas situações” (tendências de comportamento).

3 – Procedimentos

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (Análise final nº 596/11; CEP/UFU 192/11 – Anexo F).

Os participantes da pesquisa foram contatados diretamente pelo pesquisador, nas dependências dos cursos da Universidade Federal de Uberlândia, de forma coletiva ou individual.

A aplicação da versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form* (Anexo C) foi feita em salas com carteiras e precedida pela leitura e assinatura (em duas vias) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo G). Depois de lido o termo, os concordantes em participar da pesquisa assinaram e ficaram com uma via para si e receberam o questionário impresso do PBQ-SF em português (Anexo C) para ser respondido de acordo com a instrução nele contida.

Tendo terminado de responder o questionário, os próprios participantes colocaram seus questionários dentro de um envelope reservado para guardar os questionários já respondidos, de forma que se resguardasse a confidencialidade de seus dados. O tempo médio de aplicação do questionário foi de aproximadamente 15 minutos.

4 – Resultados e Discussão

Os dados foram processados no aplicativo estatístico SPSS 18.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*). Foram calculadas medidas de tendência central buscando obter uma caracterização dos escores da amostra. A fim de estudar as propriedades psicométricas do PBQ-SF, buscou-se a consistência interna de suas 10 escalas, através do *alpha de Cronbach* e, em seguida, foi feita a análise da estrutura fatorial do PBQ-SF de duas formas: através das

intercorrelações dos escores de todos os seus *itens*, e através do cálculo das intercorrelações entre todos os escores de suas *escalas*.

4.1 – Consistência interna ou fidedignidade

A **Tabela 4** apresenta as intercorrelações, estimativas de confiabilidade, médias e desvios padrão para as 10 escalas do PBQ-SF. Os coeficientes *alpha de Cronbach* foram calculados para cada escala e dispostos na diagonal.

Tabela 4 – Médias, desvios padrão, consistência interna e intercorrelações das escalas do PBQ-SF (N=700).

		PAR	EQZ	ANT	BOR	HIS	NAR	ESQ	DEP	OBS	PAS
PAR	Paranoide	,82									
EQZ	Esquizoide/Esquizotípica	,49	,68								
ANT	Antissocial	,65	,46	,73							
BOR	<i>Borderline</i>	,65	,38	,55	,75						
HIS	Histriônica	,48	,23	,54	,58	,78					
NAR	Narcisista	,50	,38	,62	,50	,56	,72				
ESQ	Esquiva	,56	,39	,45	,67	,50	,45	,64			
DEP	Dependente	,42	,15	,41	,77	,59	,45	,49	,71		
OBS	Obsessivo-compulsiva	,46	,44	,46	,50	,43	,45	,54	,40	,80	
PAS	Passivo-agressiva	,60	,44	,57	,50	,45	,52	,50	,35	,39	,68
<i>Correlação item-total</i>		,73	,50	,72	,78	,65	,67	,69	,60	,61	,65
<i>Média</i>		9,75	11,93	7,02	6,98	6,92	6,68	10,50	6,97	10,94	9,03
<i>Desvio padrão</i>		5,49	5,07	4,63	4,78	4,81	4,42	4,33	4,55	5,44	4,59

Nota: Os coeficientes na diagonal em negrito são os *alpha de Cronbach* de cada escala.

Pode-se observar que as escalas paranoide e obsessivo-compulsiva produziram *alpha* igual ou superior a 0,80 indicando uma confiabilidade elevada. As outras escalas mostraram índices não inferiores a 0,64 que, embora estejam mais próximos do limite inferior de aceitabilidade (Hair et al., 2005; Murphy & Davidshofer, 1988), ainda representam confiabilidade aceitável.

O coeficiente *alpha de Cronbach* para a escala global do PBQ-SF foi de 0,90 e a média total dos escores foi de 86,73 (desvio padrão = 35,23). As intercorrelações das escalas variaram de 0,15 (entre as escalas dependente e esquizoide/esquizotípica) a 0,77 (entre as escalas dependente e *borderline*) confirmando, respectivamente, a forte oposição e afinidade cognitiva presentes entre esses perfis cognitivos, conforme o modelo teórico (Beck et al., 1993, 2005).

A média de todas as intercorrelações das escalas foi de 0,49 (desvio padrão = 0,11). As intercorrelações relativamente altas das escalas do PBQ-SF indicam que as escalas compartilham uma quantidade significativa de variância entre elas.

4.2 Análise Fatorial

4.2.1 Análise fatorial dos escores de todos os itens do PBQ-SF

Análise Exploratória dos dados

Foram realizadas análises exploratórias visando verificar a adequação dos dados ao modelo linear geral, como apontado por Tabachnick e Fidell (1989).

Não houve questionários com dados faltosos (*missing*) no banco de dados dos 700 participantes. A distribuição de dados das variáveis-itens foi analisada através da observação de diagramas com a curva normal e de índices de assimetria (*skewness*) e achatamento (*kurtosis*). De uma maneira geral, observou-se a existência de uma maior concentração (85% dos itens) de valores positivos de assimetria (cauda à direita mais alongada) do que valores negativos (cauda à esquerda mais alongada); e uma concentração aproximadamente igual de valores negativos (57% dos itens) e positivos (43% dos itens) de achatamento, entre todos os itens do PBQ-SF.

Considerando os valores absolutos de assimetria e achatamento encontrados na análise, os resultados obtidos foram resumidos e apresentados na **Tabela 5**, permitindo-se ter uma visão da distribuição de dados dos itens em relação ao critério da distribuição normal.

Tabela 5 – Valores estatísticos para assimetria, *skewness* (Z_s) e achatamento, *kurtosis* (Z_k) das distribuições de dados dos 65 itens do PBQ-SF (N=700).

Intervalos (valores absolutos)	Número de itens	Itens
$Z_s \geq 3$ e/ou $Z_k \geq 3$	7	ANT(38 e 59), DEP45, ESQ43, HIS37, NAR(27 e 58)
$2 \leq Z_s < 3$ e/ou $2 \leq Z_k < 3$	3	ESQ39, HIS08 e NAR26
$1 \leq Z_s < 2$ e/ou $1 \leq Z_k < 2$	23	ANT(23,35,42 e 61), BOR(64 e 65), DEP(15,18,56 e 63) EQZ(25,28 e 29), HIS(34,52,54 e 55), NAR46, OBS57, PAS(20,21,41 e 51)
$Z_s < 1$ e $Z_k < 1$	32	Os demais itens

Segundo Hair et al. (2005) valores absolutos iguais ou superiores a 2,0 são críticos para a rejeição da suposição sobre a normalidade de uma distribuição, a um nível de significância de 0,05. De acordo com este critério, a maioria dos itens (55 itens, 85%) possui um desvio de normalidade aceitável, inferior a 2,0 (**Tabela 5**). Aliás, algum desvio de anormalidade na distribuição dos dados é justificado se considerarmos a característica de concentração de baixos escores como algo muito provável de se encontrar em uma amostra caracteristicamente não-clínica de universitários. Dez itens, contudo, apresentaram valores de *skewness* e/ou *kurtosis* que, conforme limites apontados por Hair et al. (2005), ficaram acima do desejado. A **Tabela 6** traz um detalhamento de informações sobre esses itens que possuem valores críticos para o critério de normalidade, apresentando seus conteúdos e os valores de assimetria e achatamento encontrados na distribuição de seus dados. A **Tabela 7** detalha as informações sobre a distribuição de frequência dos escores desses mesmos itens.

Uma análise conjunta dessas duas tabelas nos permite uma possível explicação para os grandes desvios de normalidade observados nesses itens. Pode se observar que mais da

metade da amostra (acima de 60%) concentraram suas respostas no escore zero (“Eu não acredito nisso”) para as declarações desses itens.

Tabela 6 – Itens que apresentaram índices críticos de *Skewness* e/ou *kurtosis*.

	Item	<i>skewness</i>	<i>kurtosis</i>
ANT 38	38. As pessoas vão me atacar se eu não atacá-las primeiro.	2,837	8,507
ANT 59	59. Se eu não explorar os outros, eles me explorarão.	2,560	6,519
DEP 45	45. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.	1,787	3,172
ESQ 39	39. Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la.	1,829	2,770
ESQ 43	43. Se as pessoas se aproximarem de mim descobrirão quem eu realmente sou e me rejeitarão.	3,301	11,466
HIS 08	8. Eu deveria ser o centro das atenções.	1,730	2,463
HIS 37	37. Eu não sou nada, a menos que eu entretenha ou impressione as pessoas.	2,250	4,946
NAR 26	26. Somente as pessoas tão brilhantes quanto eu podem me entender.	1,827	2,381
NAR 27	27. Como eu sou uma pessoa superior, mereço tratamento e privilégios especiais.	3,548	12,992
NAR 58	58. Como eu sou muito talentoso, as pessoas deveriam fazer de tudo para promover a minha carreira.	2,322	5,082

Tabela 7 – Frequência de escores para os 10 itens com desvios críticos de normalidade (N= 700).

Item	Frequência de Escores									
	0		1		2		3		4	
ANT 38	574	82,0%	74	10,6%	37	5,3%	10	1,4%	5	0,7%
ANT 59	538	76,9%	99	14,1%	33	4,7%	18	2,6%	12	1,7%
DEP 45	447	63,9%	169	24,1%	58	8,3%	18	2,6%	8	1,1%
ESQ 39	476	68,0%	119	17,0%	65	9,3%	27	3,9%	13	1,9%
ESQ 43	589	84,1%	67	9,6%	23	3,3%	11	1,6%	10	1,4%
HIS 08	450	64,3%	141	20,1%	66	9,4%	28	4,0%	15	2,1%
HIS 37	509	72,7%	114	16,3%	47	6,7%	17	2,4%	13	1,9%
NAR 26	482	68,9%	100	14,3%	56	8,0%	32	4,6%	30	4,3%
NAR 27	608	86,9%	52	7,4%	18	2,6%	14	2,0%	8	1,1%
NAR 58	531	75,9%	97	13,9%	41	5,9%	23	3,3%	8	1,1%

É possível levantar duas hipóteses que expliquem essa tendência de baixos escores: os participantes responderam com baixos escores (a) a fim criar uma impressão favorável (para si mesmo ou para o pesquisador) ou (b) porque eles, genuinamente “não acreditavam” nas declarações propostas pelos itens da **Tabela 6**.

Assumindo a possibilidade da tendência a baixos escores ser uma genuína expressão da amostra e o fato de que a ausência de normalidade não constitui um problema grave na análise fatorial – posto que essa técnica seja razoavelmente robusta a violações desse pressuposto, principalmente em amostras com mais de 200 participantes (Hair et al., 2005; Pasquali, 2005, 2006), – optou-se por realizar os procedimentos subsequentes utilizando os dados originais, sem sua transformação ou eliminação de algum item.

Verificação da fatorabilidade da matriz

De acordo com alguns autores (Hair et al., 2005; Pasquali 2005; Tabachnick & Fidell, 1989), deve existir uma correlação elevada entre as variáveis para que a análise fatorial tenha utilidade na estimação de fatores comuns. Sendo assim, antes de se iniciar a análise de componentes principais, foi apropriado fazer a avaliação de alguns índices de adequação da amostragem que permitem aferir a existência ou não de fatores subjacentes aos 65 itens da escala PBQ-SF.

Para isso foi feita a análise dos seguintes indicadores, seguindo a orientação de Hair et al. (2005), Pasquali (2005) e Tabachnick e Fidell (1989): (a) *o tamanho da amostra*: o valor recomendado para a realização de uma análise fatorial aponta a necessidade de 5 a 10 participantes por item. Nesse caso, para um questionário com 65 itens, seria necessária uma amostra de 325 a 650 participantes. A amostra de 700 respondentes, portanto, atendeu plenamente a esse critério; (b) *o índice de adequação Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)*: o resultado foi 0,928, valor considerado como “maravilhoso” por Kaiser (citado por Pasquali,

2005), indicando que o banco de dados é adequado para o tratamento fatorial; (c) *o teste de esfericidade de Bartlett*: o resultado foi significativo ($p < 0,001$), indicando a possibilidade de prosseguir com a análise; (d) *observação da matriz de correlações de anti-imagem*: os valores encontrados na linha diagonal (valor mínimo de 0,672 e valor máximo de 0,961) foram todos maiores que 0,5 e o restante dos valores da matriz, desejavelmente baixos (valor máximo encontrado de 0,407) indicando a existência de satisfatória relação entre as variáveis para se proceder a uma análise fatorial; (e) *determinante da matriz de correlação*: O baixo valor ($1,50E-010$, quase zero) encontrado para o determinante da matriz de correlação, também indica que seu posto era inferior ao número de variáveis, outro indicativo de fatorabilidade, segundo Pasquali (2005). (f) *as comunalidades*: as comunalidades indicam a proporção de variância que uma variável compartilha com todas as outras nos fatores principais comuns (Hair et al., 2005). Os valores apresentados variaram entre o valor mínimo de 0,359 (para o item ESQ33) e o valor máximo de 0,676 (para o item DEP44).

Considerando as informações favoráveis para a fatorabilidade da matriz de correlações acima reportados, prosseguiu-se com a análise fatorial, para a determinação dos números de fatores.

Estimativa do número possível de fatores subjacentes

A estimativa do número possível de fatores que poderiam ser extraídos da matriz de correlações da escala PBQ-SF foi feita utilizando-se o método de extração dos componentes principais (*principal components*). Seguindo a orientação de alguns autores (Hair et al., 2005; Pasquali, 2005), os critérios usados para a determinação do número de componentes foram: (a) *critério de Kaiser*: foram considerados os componentes com autovalores iguais e superiores a um ($eigenvalue \geq 1,0$); (b) *critério de Harman*: foram considerados os componentes com variância explicada iguais ou superiores a 3,0% ($VE\% \geq 3,0$); (c) *critério de*

Cattell: foram considerados os componentes posicionados antes do ponto de inflexão da curva *scree plot*, obtidos pela análise visual do gráfico.

Na **Tabela 8** foram apresentados os possíveis resultados obtidos, relativos à solução inicial da estrutura do questionário PBQ-SF, de acordo com os critérios de Kaiser, Harman e Cattell. De acordo com o critério de Kaiser (citado por Pasquali, 2005), verificou-se a possibilidade de extração de 15 fatores, explicando aproximadamente 56% da variância total. Pelo critério de Harman (1976), uma solução com 5 fatores explicando aproximadamente 37% da variância total foi possível; e de acordo com Cattell (1966), constatou-se pela análise do gráfico (**Figura 1**), a possibilidade de se extrair 9 fatores, com variância explicada de aproximadamente 46%.

Considerando que as indicações quanto ao número de fatores possíveis a extrair para a estrutura do PBQ-SF foram diferentes (5, 9 e 15 fatores) foi feito um estudo comparativo entre essas três possibilidades, com objetivo de verificar qual das três soluções é a mais viável para se prosseguir com a análise.

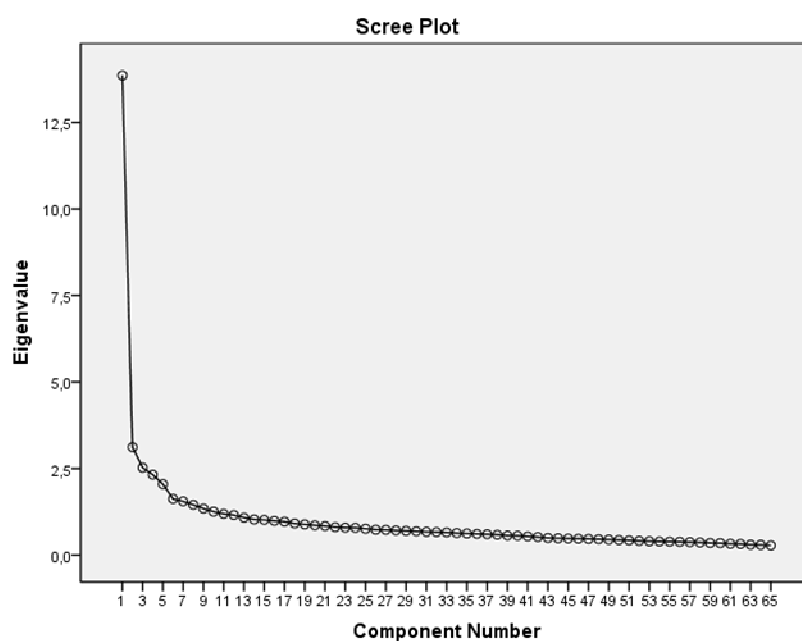
Estudo da melhor solução entre os possíveis números de fatores a serem extraídos

Conforme recomendação de Kline (1997) e Tabachnick e Fidell (1989) foi aplicado o método de fatoração dos eixos principais (*principal axis factoring*), com o propósito de investigar e identificar a melhor solução para o número de fatores dentre as possibilidades obtidas. Para isso, foi feita uma comparação entre o percentual de correlações residuais (o mínimo possível é desejável) estabelecida em cada uma das soluções, conforme orientação de Pasquali (2005). A **Tabela 9** mostra o resumo desta análise comparativa.

Além disso, observou-se qual das soluções possibilitaria a melhor estrutura passível de ser interpretada (análise de conteúdos), de acordo com a distribuição de suas cargas fatoriais.

Tabela 8 – Variância explicada para os critérios de Harman, Kaiser e Cattell (análise dos itens).

Critérios	Fatores	Autovalores Iniciais		
		Total	% da Variância	% Acumulada
Harman	1	13,859	21,321	21,321
	2	3,116	4,794	26,114
	3	2,526	3,886	30,001
	4	2,321	3,571	33,572
	5	2,048	3,150	36,722
	6	1,623	2,497	39,219
	7	1,551	2,387	41,606
	8	1,452	2,233	43,839
Cattell	9	1,343	2,066	45,905
	10	1,253	1,928	47,833
	11	1,189	1,829	49,662
	12	1,155	1,777	51,439
	13	1,081	1,663	53,102
	14	1,029	1,583	54,684
Kaiser	15	1,016	1,563	56,247

**Figura 1** – *Scree plot* da matriz de correlações do PBQ-SF (análise dos itens)

Buscando obter uma solução fatorial mais clara e objetiva, pela maximização dos pesos fatoriais dos itens (Brown, 2006), foram utilizadas soluções rotacionadas (*varimax* e *direct oblimin*) em cada uma das soluções propostas. Nos métodos de rotação ortogonal (no caso, *varimax*), o pressuposto é que os fatores não sejam correlacionados entre si, ao contrário das rotações oblíquas (no caso, *direct oblimin*) em que se pressupõe a existência de alguma correlação entre os fatores.

Alguns autores (Hair et al., 2005; Pasquali, 2005) argumentam que as rotações oblíquas são sempre preferíveis para construtos de natureza psicológica, baseados na pressuposição da existência de alguma correlação entre os fatores encontrados. Uma vez aplicada a rotação oblíqua buscou-se checar a existência ou não de correlações entre os fatores, suas magnitudes e suas implicações na estrutura dos fatores.

Tabela 9 – Comparativo para escolha do melhor número de fatores baseado na variância explicada e na matriz de resíduos.

Nro. possível de fatores	Critério de Extração dos Fatores	Variância Explicada da matriz das correlações, após extração pelo método <i>principal axis factoring</i>	Nro. Correlações Residuais > 0,05 não explicados pelo modelo	
			NRO	Percentual %
5 Fatores	Variância Explicada \geq 3,0% Harman	31,64% 5 fatores explicam juntos aprox. 32% da variância da matriz das correlações produzida pelos dados observados.	341	16% 5 fatores deixam inexplicados 16% de correlações cujos resíduos (entre os dados observados e os dados do modelo) são maiores que 0,05.
9 Fatores	<i>Scree Plott</i> Cattell	37,48% 9 fatores explicam juntos aprox. 37% da variância da matriz das correlações produzida pelos dados observados.	122	5% 9 fatores deixam inexplicados 5% de correlações cujos resíduos (entre os dados observados e os dados do modelo) são maiores que 0,05.
15 Fatores	Autovalor \geq 1 Kaiser	43,23% 15 fatores explicam juntos aprox. 43% da variância da matriz das correlações produzida pelos dados observados.	26	1% 15 fatores deixam inexplicados 1% de correlações cujos resíduos (entre os dados observados e os dados do modelo) são maiores que 0,05.

A extração mostrou que 5 fatores explicariam juntos aproximadamente 32% da variância da matriz de correlações, deixando inexplicados 16% de correlações cujos resíduos, obtidos pela diferença entre as correlações observadas e as reproduzidas pelo modelo, são superiores a 0,05 na matriz residual (**Tabela 9**).

Uma nova extração para a solução de 9 fatores, mostrou um favorável aumento da variância explicada da matriz de correlações para aproximadamente 37%, ao mesmo tempo em que revelou uma desejável redução do percentual de correlações residuais para apenas 5% (**Tabela 9**). Esses dois movimentos favoráveis mostram que esta solução representa uma condição bem melhor que a anterior de 5 fatores, do ponto de vista da variância e do número de correlações explicadas pelo modelo (Pasquali, 2005).

Finalmente, com a extração de 15 fatores, o percentual da variância explicada assume o valor favorável de aproximadamente 43%, ao mesmo tempo em que o percentual de correlações residuais é reduzido ainda mais, assumindo o valor favorável de 1% (**Tabela 9**). Contudo, estatisticamente, não parece ser uma vantagem extrair 6 fatores a mais, aumentando a complexidade da matriz fatorial em troca de somente 4% (se a referência for a matriz residual) ou 6% (se a referência for a variância explicada) de explicação a mais, em comparação com a solução de 9 fatores.

Congruentemente a esta análise, a observação da melhor estrutura para interpretação dos fatores, nas diferentes rotações, também revelou a proposta de 9 fatores na rotação *direct oblimin* como a mais adequada. Os valores encontrados para as correlações entre os fatores foram relativamente baixos conforme se vê na **Tabela 10**, mas o resultado comparativo feito entre as estruturas propostas pelas duas rotações sugere que, ainda que reduzidos, esses valores tiveram implicações significativas para o agrupamento e interpretação da estrutura. Por exemplo, apesar de não se observar entre as duas rotações diferenças em quais itens foram agrupados para cada fator, verificou-se na rotação *varimax* que 21 itens apareceram excluídos

para o critério de carga fatorial igual ou superior a 0,4, enquanto que apenas 8 itens o são na rotação *direct oblimin*, para o mesmo critério. Além disso, na rotação ortogonal surgiu um fator com apenas 1 item retido, enquanto que na rotação oblíqua o menor número de itens retidos por fator foi de 3.

Tabela 10 – Matriz das correlações entre os fatores extraídos.

Matriz de Correlação entre os Fatores									
Fatores	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	1,00								
2	,23	1,00							
3	-,21	-,11	1,00						
4	,29	,28	-,25	1,00					
5	,16	,16	-,05	,23	1,00				
6	,26	,36	-,23	,26	,19	1,00			
7	,42	,16	-,22	,17	,14	,20	1,00		
8	-,25	-,14	,28	-,15	-,12	-,19	-,21	1,00	
9	,35	,06	-,15	,33	,10	,14	,32	-,14	1,00

Baseados nos resultados apontados pela análise da matriz residual e da observação da estrutura mais adequada à interpretação, para as soluções de 5, 9 e 15 fatores, prosseguiu-se a análise fatorial considerando a melhor solução como sendo a de 9 fatores na rotação *direct oblimin*.

Análise e interpretação da estrutura com nove fatores

Seguindo a orientação de diversos autores (Brown, 2006; Hair et al., 2005; Pasquali 2005; Tabachnick & Fidell, 1989), os critérios de determinação dos fatores utilizados foram: (a) *Carga fatorial*: foram considerados valores significativos para carga fatorial dos itens, os valores iguais ou superiores a 0,40 (*factor loadings* $\geq 0,40$); (b) *itens complexos*: itens que apresentaram cargas fatoriais distribuídas em mais de um fator foram tratados considerando-se a diferença entre eles. Para pequenas diferenças entre cargas (*cross-loadings* $\leq 0,10$), o item

foi mantido no fator que mais se aproxima da configuração original do PBQ-SF, ou em cujo fator a interpretação seja mais razoável em relação à similaridade de crenças agrupadas. Para grandes diferenças entre as cargas (*cross-loadings* > 0,10), o item foi mantido no fator com maior carga, conforme estabelecido pelo modelo; (c) *escolha da matriz de cargas fatoriais*: segundo Brown (2006) não é consensual qual das matrizes deva ser usada para interpretação da estrutura fatorial após uma rotação oblíqua: se a matriz padrão (*pattern matrix* – que indica a contribuição única de cada item para o fator) ou a matriz de estrutura (*structure matrix* – que além de indicar a contribuição de cada item para o fator, considera também a relação existente entre os fatores).

Segundo Brown (2006), os resultados da matriz de estrutura tendem a ser sobrestimados à medida que as correlações entre os fatores aumentam, mas considerando que as correlações entre os fatores encontradas (**Tabela 10**) assumiram valores reduzidos, não se observou nenhum impedimento para o uso da matriz estrutura (Brown, 2006; Hair et al., 2005). Além disso, embora não se tenha observado diferenças em quais itens se agruparam em cada fator, a matriz padrão deixou de reter 28 itens, para o critério de carga proposto (*factor loadings* $\geq 0,40$), deixando também um dos fatores sem agrupar nenhum item. Os valores de carga desses itens foram suprimidos na *pattern matrix* porque em seu método não são consideradas as correlações existentes entre os fatores para o agrupamento dos itens. Sendo assim, a matriz estrutura foi a que se mostrou mais adequada à interpretação da configuração fatorial obtida e os dados obtidos se encontram apresentados na **Tabela 11**.

Na **Tabela 12** foi apresentada a estrutura do PBQ-SF conforme o resultado alcançado pela interpretação da matriz estrutura, obtida pelo uso do método de fatoração dos eixos principais (*principal axis factoring*) para 9 fatores, aplicando-se rotação oblíqua (*direct oblimin*). Nessa tabela foram destacadas as cargas fatoriais relevantes (*factor loadings* $\geq 0,40$), o autovalor e a variância explicada dos fatores após a extração, as comunalidades (h^2) dos

Tabela 12 – Resultado da análise fatorial – 9 Fatores, 57 itens (N=700).

Análise Fatorial					
Principal Axis Factoring – Direct Oblimin Rotation					
Item	Carga	h^2	Corr. item-total	Alpha se item excluído	Fatores
FATOR 1 - "O OUTRO É MAU"					
11 itens; <i>Autovalor</i> = 13,3; <i>Variância</i> = 20,4%; <i>Alpha</i> = 0,86					
PAR 03	,549	,378	,518	,843	3. Se as pessoas agem de maneira amistosa, talvez estejam tentando me usar ou me explorar.
PAR 13	,682	,548	,640	,833	13. As pessoas tentarão me usar ou me manipular se eu não tomar cuidado.
PAR 14	,519	,395	,509	,844	14. As pessoas possuem motivos escondidos.
PAR 17	,638	,532	,628	,836	17. Os outros vão deliberadamente querer me prejudicar.
PAR 24	,495	,384	,469	,848	24. Se os outros descobrirem coisas a meu respeito eles poderão usar isto contra mim.
PAR 48	,643	,444	,605	,836	48. Pessoas irão me explorar se eu der a elas a chance.
PAR 49	,634	,527	,643	,833	49. Eu tenho que estar atento, na defensiva, a todo instante.
ANT 32	,407	,322	,455	,850	32. Nós vivemos em uma selva e sobrevive aquele que for mais forte.
ANT 38	,521	,377	,513	,846	38. As pessoas vão me atacar se eu não atacá-las primeiro.
ANT 59	,575	,442	,510	,844	59. Se eu não explorar os outros, eles me explorarão.
BOR 64	,574	,419	,546	,841	64. Eu não posso confiar nas pessoas.
FATOR 2 - "EU SOU FRÁGIL E INCAPAZ"					
6 itens; <i>Autovalor</i> = 2,5; <i>Variância</i> = 3,9%; <i>Alpha</i> = 0,75					
DEP 15	,420	,343	,403	,733	15. A pior coisa que poderá me acontecer é ser abandonado.
DEP 18	,545	,324	,459	,702	18. Eu preciso de outras pessoas para tomar decisões ou dizer o que eu devo fazer.
DEP 44	,676	,476	,558	,672	44. Eu sou carente e frágil.
DEP 45	,701	,509	,566	,682	45. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.
DEP 56	,582	,460	,503	,691	56. Eu preciso de alguém ao meu redor disponível a todo momento para me ajudar a executar aquilo que eu preciso fazer ou em caso de acontecer alguma coisa ruim.
BOR 65	,508	,328	,420	,713	65. Eu não consigo enfrentar situações como outras pessoas.
FATOR 3 - "EU SOU SUPERIOR"					
6 itens; <i>Autovalor</i> = 1,9; <i>Variância</i> = 3,0%; <i>Alpha</i> = 0,78					
NAR 16	-,423	,368	,449	,753	16. As outras pessoas devem saber que sou especial.
NAR 26	-,634	,478	,574	,707	26. Somente as pessoas tão brilhantes quanto eu podem me entender.
NAR 27	-,670	,475	,554	,724	27. Como eu sou uma pessoa superior, mereço tratamento e privilégios especiais.
NAR 46	-,523	,428	,479	,734	46. As outras pessoas devem satisfazer minhas necessidades.
NAR 58	-,565	,417	,509	,728	58. Como eu sou muito talentoso, as pessoas deveriam fazer de tudo para promover a minha carreira.
HIS 08	-,601	,465	,537	,718	8. Eu deveria ser o centro das atenções.
FATOR 4 - "EU NÃO POSSO FALHAR"					
7 itens; <i>Autovalor</i> = 1,7; <i>Variância</i> = 2,7%; <i>Alpha</i> = 0,80					
OBS 06	,567	,393	,479	,781	6. Falhas, defeitos, ou erros são intoleráveis.
OBS 09	,478	,327	,466	,784	9. Se eu não tiver sistematização, tudo irá ruir.
OBS 11	,668	,477	,591	,760	11. É importante fazer tudo perfeito.
OBS 19	,442	,304	,458	,784	19. Os detalhes são extremamente importantes.
OBS 30	,557	,448	,548	,768	30. É necessário fixar sempre o padrão mais elevado, ou as coisas irão ruir.
OBS 40	,732	,567	,629	,752	40. Se eu não tiver um desempenho no mais alto nível, eu falharei.
OBS 57	,631	,527	,530	,772	57. Qualquer defeito ou falha no desempenho podem levar a uma catástrofe.
FATOR 5 - "EU NÃO SUPORTO SENTIMENTOS DESAGRADÁVEIS"					
4 itens; <i>Autovalor</i> = 1,4; <i>Variância</i> = 2,2%; <i>Alpha</i> = 0,63					
ESQ 01	,468	,256	,443	,528	1. Ser exposto como inferior ou inadequado é intolerável para mim.
ESQ 02	,491	,277	,413	,554	2. Eu deveria evitar situações desagradáveis a todo custo.
ESQ 05	,434	,294	,343	,602	5. Eu não consigo tolerar sentimentos desagradáveis.
NAR 10	,507	,332	,428	,540	10. É intolerável que eu não receba o respeito que me é devido ou que me é de direito.

FATOR 6 - "EU PRECISO ENCANTAR E SEDUZIR"7 itens; *Autovalor* = 1,0; *Variância* = 1,6%; *Alpha* = 0,78

HIS 22	,528	,375	,495	,739	22. A maneira para conseguir o que quero é fascinar ou divertir as pessoas.
HIS 34	,593	,411	,530	,730	34. Se eu não mantiver os outros envolvidos comigo, eles não irão gostar de mim.
HIS 37	,587	,394	,549	,731	37. Eu não sou nada, a menos que eu entretenha ou impressione as pessoas.
HIS 52	,451	,399	,419	,761	52. É horrível se as pessoas me ignoram.
HIS 54	,548	,491	,542	,731	54. Para ser feliz, eu preciso de que as outras pessoas prestem atenção em mim.
HIS 55	,515	,392	,512	,735	55. Se eu entretenho as pessoas, elas não irão perceber minhas fraquezas.
ANT 23	,515	,394	,450	,747	23. Eu devo fazer tudo o que puder para não ser descoberto.

FATOR 7 - "EU RESISTO SER CONTROLADO POR REGRAS"7 itens; *Autovalor* = 0,93; *Variância* = 1,4%; *Alpha* = 0,74

PAS 20	,486	,309	,432	,701	20. O fato de eu achar que alguém é muito autoritário me dá o direito de desrespeitar suas ordens.
PAS 21	,459	,286	,421	,707	21. Figuras de autoridade tendem a ser intrusivas, exigentes, intrometidas e controladoras.
PAS 41	,493	,342	,459	,695	41. Cumprir prazos, ceder a exigências e me enquadrar ferem diretamente meu orgulho e auto-suficiência.
PAS 47	,560	,354	,492	,687	47. Se eu seguir as regras da maneira que as pessoas esperam, isto inibirá minha liberdade de ação.
PAS 51	,503	,330	,483	,692	51. Regras são arbitrárias e me paralisam.
ESQ 31	,423	,427	,419	,706	31. Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle.
ESQ 39	,484	,379	,418	,705	39. Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la.

FATOR 8 - "EU POSSO DESRESPEITAR REGRAS"3 itens; *Autovalor* = 0,81; *Variância* = 1,2%; *Alpha* = 0,55

ANT 35	-,458	,290	,327	,499	35. Quando eu quero alguma coisa eu devo fazer o que for necessário para consegui-la.
ANT 61	-,510	,348	,399	,395	61. A melhor maneira de conseguir as coisas é através da força e da esperteza.
NAR 60	-,422	,288	,357	,448	60. Eu não preciso seguir as mesmas regras que são aplicadas às outras pessoas.

FATOR 9 - "EU PREFIRO ESTAR SOZINHO"6 itens; *Autovalor* = 0,75; *Variância* = 1,1%; *Alpha* = 0,72

EQZ 12	,544	,420	,406	,693	12. Eu gosto mais de fazer as coisas sozinho do que com outras pessoas.
EQZ 25	,476	,369	,413	,692	25. Relacionamentos são confusos e complicados e interferem com a liberdade.
EQZ 28	,546	,404	,423	,688	28. É importante para mim me sentir livre e independente de outras pessoas.
EQZ 29	,684	,486	,540	,652	29. Em muitas situações eu prefiro ficar sozinho.
EQZ 36	,433	,239	,404	,695	36. É melhor se sentir sozinho do que preso às outras pessoas.
EQZ 50	,588	,423	,534	,658	50. A minha privacidade é mais importante para mim do que estar com as pessoas.

Escala Global do Modelo (Todos os Fatores)57 itens; *Autovalor* = 24,4; *Variância* = 37,5%; *Alpha* = 0,94**ITENS EXCLUÍDOS (carga fatorial inferior a 0,4)**

ANT 42	42. Eu fui injustiçado e me sinto autorizado a cobrar meus direitos não importando a maneira com que eu faça isso.
DEP 62	62. Eu devo me manter acessível ao meu companheiro(a) o tempo todo.
DEP 63	63. Eu sou preferencialmente uma pessoa só, a menos que eu possa me ligar a alguém mais forte do que eu.
EQZ 53	53. O que as pessoas pensam não me importa.
PAS 04	4. Eu tenho que resistir a dominação das autoridades, mas ao mesmo tempo manter sua aprovação e aceitação.
PAS 07	7. Outras pessoas são frequentemente muito exigentes.
ESQ 33	33. Eu deveria evitar situações nas quais poderia atrair atenção ou ser o mais imperceptível possível.
ESQ 43	43. Se as pessoas se aproximarem de mim descobrirão quem eu realmente sou e me rejeitarão.

A designação dada a cada fator foi apresentada sob forma de uma crença cujo significado abrange o conteúdo comum dos itens agrupados sobre o fator. Por exemplo, a designação “O outro é mau” para o Fator 1 busca descrever sinteticamente o conteúdo comum de se perceber as pessoas como mal-intencionadas, presentes nas crenças dos itens deste fator. As análises dos conteúdos das crenças mostradas nos **Quadros 01 a 10** (Anexo D) serviram como uma referência para avaliar o significado do conteúdo dos itens e auxiliaram o processo de designação dos fatores.

Observou-se que houve uma correspondência entre os fatores e as escalas originais do PBQ-SF. O Fator 1 por ter agrupado, em sua maioria, itens com as maiores cargas fatoriais provenientes da escala original paranoide, fez correspondência a essa escala. O Fator 2 ficou composto basicamente por itens da escala original dependente, à qual ficou relacionada. O Fator 3 agrupou a maioria dos itens da escala original narcisista, e, portanto, fez correspondência a essa escala; e assim por diante.

Ao todo foram 9 fatores fazendo as devidas correspondências a todas as escalas originais do PBQ-SF, com exceção apenas da escala *borderline*. Como a maior parte desta escala é formada por itens compartilhados com outras escalas e seus dois únicos itens próprios (BOR64 e BOR65) possuem conteúdos semânticos também comuns às escalas paranoide e dependente, respectivamente, a escala *borderline* não ganhou correspondência a nenhum fator específico.

A **Tabela 13** apresenta um resumo comparativo entre as escalas originais do PBQ-SF e os fatores que emergiram da análise fatorial.

Tabela 13 – Quadro comparativo entre o modelo original do PBQ-SF e o modelo fatorial.

PBQ-SF		MODELO FATORIAL	
Escala	Nro. de itens	Fatores	Nro. de itens
Paranoide	7	FATOR 1 - "O outro é mau"	11
Dependente	7	FATOR 2 - "Eu sou frágil e incapaz"	6
Narcisista	7	FATOR 3 - "Eu sou superior"	6
Obsessivo-compulsiva	7	FATOR 4 - "Eu não posso falhar"	7
Esquiva	7	FATOR 5 - "Eu não suporto sentimentos desagradáveis"	4
Histriônica	7	FATOR 6 - "Eu preciso encantar e seduzir"	7
Passivo-agressiva	7	FATOR 7 - "Eu resisto ser controlado por regras"	7
Antissocial	7	FATOR 8 - "Eu posso desrespeitar regras"	3
Esquizoide/Esquizotípica	7	FATOR 9 - "Eu prefiro estar sozinho"	6

A solução fatorial com 9 fatores falhou em confirmar plenamente a estrutura original do PBQ-SF, mas apresentou uma configuração muito aproximada de sua estrutura original. Uma análise mais detalha do modelo encontrado foi feita, onde foram constatadas muito mais semelhanças e confirmações do modelo com seu original do que contradições entre eles.

Onze itens (ANT23, ANT32, ANT38, ANT59, HIS08, NAR10, NAR60, ESQ31, ESQ39, BOR64, BOR65) emergiram em fatores diferentes daqueles que tinham sua correspondência às escalas originais no PBQ-SF. Estes itens pertenciam às escalas antissocial (3 itens no Fator 1 e 1 item no Fator 6), esquiva (2 itens no Fator 7), narcisista (1 item no Fator 5 e 1 item no Fator 8), histriônica (1 item no Fator 3) e *borderline* (1 item no Fator 1 e 1 item no Fator 2).

Apenas dois fatores (5 e 8) apresentaram número reduzido de itens próprios das escalas originais correspondentes (no caso, as escalas esquiva, com 3 itens e antissocial, com 2 itens), tendo o restante de seus itens distribuídos em outros fatores do modelo. Os demais fatores apresentaram em sua estrutura 5 a 7 itens (71% a 100%) da escala original de 7 itens que o fator mantém sua correspondência.

Oito itens (ANT42, DEP62, DEP63, EQZ53, ESQ33, ESQ43, PAS04 e PAS07) foram excluídos do modelo por apresentarem cargas fatoriais distribuídas entre vários fatores e com valores inferiores ao critério adotado e muito próximos uns aos outros, apontando para uma reduzida discriminação desses itens.

O FATOR 1 (“O outro é mau”; 11 itens; *alpha* de 0,86) replicou a mesma estrutura apresentada pela escala paranoide original do PBQ-SF, acrescida de 4 itens diferentes (ANT32, ANT38, ANT59 e BOR64). O item PAR24 emergiu também no Fator 6 (carga 0,495), mas como a diferença entre ambas as cargas fatoriais não era significativa, optou-se por manter o item no Fator 1 mantendo a estrutura original do questionário. O item PAR49 também apresentou carga fatorial no Fator 4 (carga 0,410), mas sua carga no Fator 1 foi superior. A explicação proposta para a distribuição do Fator 1 está relacionada ao conteúdo das crenças presentes em seus itens agrupados (**Quadros 1, 3 e 4**; Anexo D). Essas crenças apontam para cognições do tipo “o outro é mal-intencionado” relacionadas a padrões comportamentais como “desconfiança”, “suspeição”, “atribuição de maldade às intenções alheias”, “vigilância” e “defensividade agressiva” (Beck et al., 1993, 2005). Esses traços apesar de serem bem proeminentes e caracterizadores da personalidade paranoide, não são prerrogativas apenas deste perfil. Eles estão também presentes, em maior ou menor intensidade ou mantidos por motivações diferentes, nos perfis Antissocial e *Borderline*, conforme exposto pelo DSM-IV-TR (APA, 2002) e confirmado pelo modelo fatorial através dos itens agrupados.

O FATOR 2 (“Eu sou frágil e incapaz”; 6 itens; *alpha* de 0,75) agrupou 5 itens da escala dependente original do PBQ-SF, acrescida de 1 item diferente (BOR65). O item DEP56 também emergiu no Fator 6 (carga 0,421), mas com carga significativamente inferior. Os itens DEP62 e DEP63 originais desta escala não foram agrupados neste e em nenhum outro fator. Uma análise mais detalhada na matriz de cargas mostra que esse dois itens

possuem cargas fatoriais baixas (inferiores a 0,34) distribuídas em quase todos os fatores, indicando baixa correlação e reduzida discriminação. A configuração desse fator está relacionada às crenças que apontam para cognições do tipo “eu sou frágil e incapaz” relacionadas a padrões comportamentais de “insegurança”, “percepção de fragilidade”, “carência de ajuda, cuidados e apoio” e “temor da separação e do abandono” (**Quadro 8**; Anexo D). Apesar do item BOR65 ser originalmente pertencente à escala *Borderline*, seu conteúdo (**Quadro 4**; Anexo D) se relaciona perfeitamente com o conteúdo das crenças do perfil Dependente, sendo, portanto, uma característica que ambos os perfis compartilham (APA, 2002), evidenciando a adequação do agrupamento feito pelo modelo.

O FATOR 3 (“Eu sou superior”; 6 itens; *alpha* de 0,78) agrupou 5 itens da escala narcisista original do PBQ-SF, acrescida de 1 item diferente (HIS08). O item NAR46 também apresentou carga no Fator 2 (carga 0,400), mas sua carga nesse fator foi maior. O Fator 3 agrupa crenças do tipo “eu sou superior aos outros” relacionadas a padrões comportamentais de “grandiosidade”, “necessidade de ser admirado” e “falta de empatia” (**Quadro 6**, Anexo D). Os itens NAR10 e NAR60 emergiram fora do agrupamento original, nos Fatores 5 e 8 respectivamente. Isso se explica pelo fato do conteúdo das crenças dos itens NAR10 (“intolerância a não receber tratamento merecido”) e NAR60 (“suposto direito a não seguir regras”) – ainda que sejam crenças que também caracterizem o perfil narcisista – estarem mais próximas do conteúdo associado às crenças daqueles fatores (“hipersensibilidade a sentimentos desagradáveis” e “direito a desrespeitar regras”, respectivamente) do que ao conteúdo das crenças que emergiu no Fator 3 (“sentimento de superioridade e grandeza”). O conteúdo da crença do item HIS08 (“ser o centro das atenções”) é um padrão comportamental comum das personalidades narcisista e histriônica, ainda que buscado por motivações distintas (APA, 2002). Nessa amostra, o conteúdo ficou associado mais à ideia de

“superioridade” (Fator 3) do que à ideia do “encantamento e sedução” (Fator 6), conforme evidenciou o agrupamento do modelo fatorial.

O FATOR 4 (“Eu não posso falhar”; 7 itens; *alpha* de 0,80) replicou fielmente a mesma estrutura original apresentada pela escala obsessivo-compulsiva do PBQ-SF. Os itens OBS30 e OBS57 emergiram também no Fator 9 (carga 0,459) e no Fator 2 (carga 0,400), respectivamente, mas seus valores nesses fatores foram significativamente menores do que no fator original da escala. A hipótese para essa distribuição está no conteúdo comum apresentado pelas crenças do tipo “eu não posso errar” que se relacionam aos padrões comportamentais de “preocupação com organização”, “perfeccionismo”, “controle” e “preocupação com desempenho” (**Quadro 9**; Anexo D).

O FATOR 5 (“Eu não suporto sentimentos desagradáveis”; 4 itens; *alpha* de 0,63) agrupou 3 itens da escala esquiva original do PBQ-SF, acrescida de 1 item diferente (NAR10). Dois itens da escala original (ESQ31 e ESQ39) foram agrupados no Fator 7 e os outros dois (ESQ33 e ESQ43) foram excluídos do modelo por possuírem baixa carga fatorial. Uma análise detalhada na matriz de cargas mostra que esse dois itens possuíam cargas fatoriais baixas (inferiores a 0,34) distribuídas em quase todos os fatores, indicando baixa correlação e reduzida discriminação. As crenças deste agrupamento evidenciaram crenças relacionadas a uma “hipersensibilidade em experimentar sentimentos negativos ou desagradáveis, geralmente provenientes de críticas negativas” que estão relacionadas a padrões comportamentais de “evitação de situações desagradáveis” e “incapacidade de gerir sentimentos desagradáveis” (**Quadro 7**; Anexo D). A presença do item NAR10 (“*É intolerável que eu não receba o respeito que me é devido ou que me é de direito*”) nesse grupo pode ser explicada pelo fato do item ter um conteúdo passível de ser interpretado no contexto próprio do perfil evitativo. A proposta original de composição deste item na escala Narcisista se baseia nas razões subjetivas do indivíduo ser intolerante a não receber o respeito

e direitos devidos porque *se percebe superior aos outros*. Contudo, a mesma declaração poderia ter como base a razão subjetiva “*não recebo o devido respeito porque sou defeitivo e inadequado*” tendendo para uma interpretação própria do perfil evitativo, conforme evidenciou o modelo proposto.

O FATOR 6 (“Eu preciso encantar e seduzir”; 7 itens; *alpha* de 0,78) agrupou todos os itens da escala original histriônica do PBQ-SF, com exceção do item HIS08 que emergiu no Fator 3, acrescida de 1 item diferente (ANT23). Esta configuração está relacionada às crenças que apontam para cognição do tipo “eu preciso divertir, encantar e/ou seduzir as pessoas para que gostem de mim”, relacionada a padrões comportamentais de “busca de atenção”, “temor de rejeição” próprios da dimensão histriônica (**Quadro 5**; Anexo D). O item ANT23 (“*Eu devo fazer tudo o que puder para não ser descoberto*”) também emergiu no Fator 1 (carga 0,401), mas sua carga foi significativamente maior no Fator 6. A proposta original de configuração deste item na escala Antissocial se baseia numa estratégia comum desses indivíduos de buscarem camuflar seus comportamentos com a razão subjetiva de obter proveito das situações ou se defender da suposta maldade dos outros (APA, 2002). A presença deste item na constelação histriônica pode se justificar se considerarmos que a estratégia comportamental proposta na crença seja também possível para uma personalidade histriônica que não deseja ser descoberta ou desmascarada em seus falsos galanteios às pessoas, conforme evidenciou o modelo fatorial. Os itens HIS52 e HIS55 também emergiram no Fator 2 (cargas 0,448 e 0,441 respectivamente), e o item HIS54 emergiu também nos Fatores 2 e 3 (cargas 0,430 e -0,411 respectivamente). A configuração das maiores cargas no Fator 6 foi mantida, reproduzindo a estrutura original do questionário.

O FATOR 7 (“Eu resisto ser controlado por regras”; 7 itens; *alpha* de 0,74) agrupou 5 itens da escala original passivo-agressiva do PBQ-SF, acrescido de 2 itens da escala esquiva (ESQ31 e ESQ39). Optou-se por manter neste fator o item ESQ31 que também emergiu no

Fator 2 (carga 0,421) muito próximo ao valor da carga no Fator 7. As crenças deste fator evidenciam conteúdos que expressam “visão negativa sobre regras e sobre as demandas alheias”, que estão relacionadas a padrões comportamentais de “oposição a autoridades”, “resistência em cumprir regras”, “direito de não cumprir regras ou demandas” e “busca de autonomia e liberdade” (**Quadro 10**; Anexo D). A proposta original de composição do item ESQ31 (“*Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle*”) na escala esquiva se baseia nas razões subjetivas de um indivíduo que evita situações embaraçosas para não vivenciar sentimentos desagradáveis que ele acredita sempre aumentar e fugir de seu controle (APA, 2002). A presença do item ESQ31 juntamente com os itens da dimensão passivo-agressiva aponta para o fato de seu conteúdo ser passível de interpretação dentro desse contexto cognitivo, como por exemplo, “Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle, *caso eu me deixe ser controlado por regras*”, conforme o modelo evidenciou. A proposta original de composição do item ESQ39 (“*Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la*”) na escala esquiva se baseia nas razões subjetivas de um indivíduo que evita experimentar situações promotoras de sentimentos desagradáveis (APA, 2002). A presença do item ESQ39 juntamente com os itens da dimensão passivo-agressiva sugere uma razão subjetiva do indivíduo, por exemplo, que busca fugir de relacionamentos conflituosos pelo fato de perceber minada sua tão desejada liberdade de ação, conforme o modelo fatorial apresentou.

O FATOR 8 (“Eu posso desrespeitar regras”; 3 itens; *alpha* de 0,553) agrupou apenas 2 itens da escala original antissocial do PBQ-SF, acrescido de 1 item da escala narcisista (NAR60). As crenças deste fator evidenciam conteúdos que expressam um “egocentrismo que justifica o desrespeito ou violação de regras” (**Quadro 3**; Anexo D). Esse padrão comportamental é característico das personalidades antissocial e narcisista, ainda que assumido por motivações distintas (crueldade e senso de superioridade, respectivamente), o

que justifica o agrupamento dos referidos itens nesse fator. Conforme Hair et al. (2006), este fator não revelou uma consistência interna adequada (inferior ao limite aceitável de 0,60), talvez pelo reduzido número de itens agrupados, uma vez que *alpha* é sensível a esta contingência.

O FATOR 9 (“Eu prefiro estar sozinho”; 6 itens; *alpha* de 0,721) agrupou 6 itens da escala original esquizoide/esquizotípica do PBQ-SF. O item EQZ25 também emergiu no Fator 7 (carga 0,430), mas como ambas as cargas fatoriais se encontravam com valores muito próximos, optou-se por manter o item no fator de maior carga, mantendo a estrutura original do questionário. As crenças deste fator evidenciam conteúdos que expressam “preferência em estar ou fazer coisas sozinho”, que estão relacionadas a padrões comportamentais de “isolamento social”, “desqualificação das relações sociais” e “busca de liberdade e independência” (**Quadro 2**; Anexo D).

4.2.2 Análise fatorial dos escores das escalas do PBQ-SF

Com objetivo de explorar um pouco mais a estrutura interna do PBQ-SF, foi feita uma outra análise fatorial baseada nos escores de suas escalas. Um estudo semelhante a este, feito para o PBQ (versão longa em inglês), pode ser encontrado em Trull et al. (1993).

Para verificar a normalidade da distribuição de dados das variáveis (escalas) foram observados os diagramas com a curva normal e os índices de assimetria (*skewness*) e achatamento (*kurtosis*). Entre todas as variáveis não se observou a existência de índices de assimetria e achatamento cujos valores absolutos fossem superiores a 2,0. Todos os índices foram positivos e inferiores a 1,0, com exceção da dimensão narcisista cujo valor de *skweness* foi de 1,14 e de *kurtosis* 1,91, de modo que a hipótese de normalidade pode ser aceita, a um nível de significância de 0,05, segundo Hair et al. (2005).

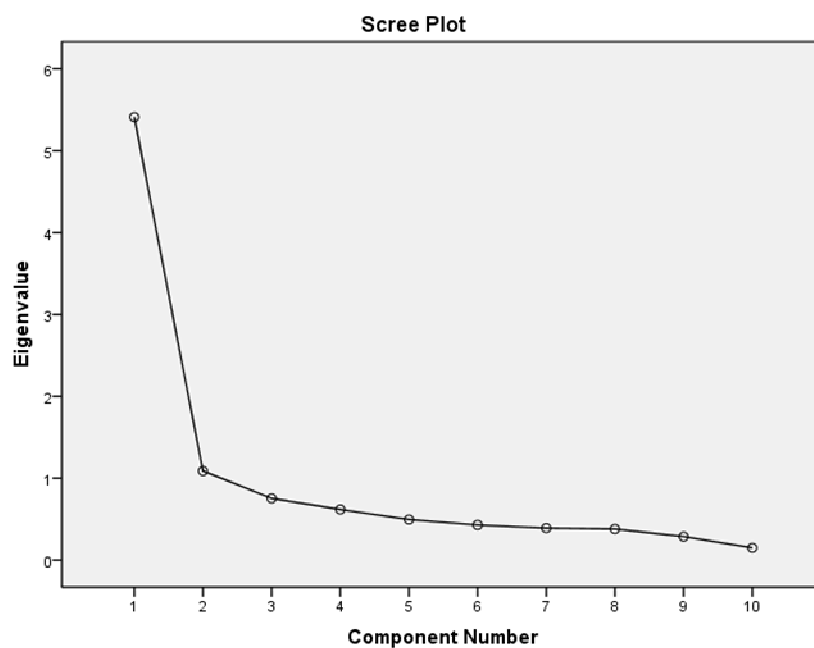
A fatorabilidade da matriz de correlações dos escores das escalas foi analisada de acordo com os critérios propostos por Hair et al. (2006) e Pasquali (2005), descritos a seguir: (a) *o índice de adequação Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)*: o resultado foi 0,889, valor considerado como excelente pelos teóricos, indicando que o banco de dados é adequado para o tratamento fatorial; (b) *o teste de esfericidade de Bartlett*: o resultado foi altamente significativo ($p < 0,001$), indicando a possibilidade de prosseguir com a análise; (c) *observação da matriz de correlações de anti-imagem*: os valores encontrados na linha diagonal (valor mínimo de 0,777 e valor máximo de 0,940) foram todos maiores que 0,5 e o restante dos valores da matriz, desejavelmente baixos (valor máximo encontrado de 0,655) indicando a existência de satisfatória relação entre as variáveis e apontando para a adequação da análise; (d) *as comunalidades*: os valores apresentados variaram entre o valor mínimo de 0,477 (para a escala obsessivo-compulsiva) e o valor máximo de 0,832 (para a escala dependente).

As informações sobre a fatorabilidade da matriz de correlações dos escores das escalas foram favoráveis à análise fatorial que se seguiu. Utilizando-se do método de extração dos componentes principais (*principal components*), seguido da rotação oblíqua (*direct oblimin*) os escores das escalas do PBQ-SF resultaram em três possíveis soluções, conforme apresentadas na **Tabela 14**.

De acordo com o critério de Kaiser ($eigenvalue \geq 1,0$), uma solução de 2 fatores emergiu explicando aproximadamente 65% da variância total. De acordo com Cattell (fatores posicionados antes do ponto de inflexão da curva *scree plot*), constatou-se pela análise do gráfico (**Figura 2**), a possibilidade de extrair 3 fatores que explicam juntos, aproximadamente, 73% de variância. O critério de Harman (variância explicada $\geq 3,0\%$) apontou uma solução de 8 fatores que, obviamente, não atendia ao objetivo proposto de reduzir a estrutura do instrumento a um mínimo de fatores subjacentes.

Tabela 14 – Variância explicada para os critérios de Harman, Kaiser e Cattell (análise das escalas).

Critérios	Componentes	Autovalores Iniciais		
		Total	% da Variância	% Acumulada
	1	5,411	54,109	54,109
Kaiser	2	1,088	10,879	64,988
Cattell	3	,754	7,536	72,524
	4	,618	6,179	78,702
	5	,495	4,949	83,651
	6	,429	4,286	87,936
	7	,390	3,903	91,840
Harman	8	,379	3,795	95,634
	9	,287	2,870	98,504
	10	,150	1,496	100,000

**Figura 2** – Scree plot da matriz das correlações do PBQ-SF (análise das escalas).

As duas soluções possíveis (Kaiser e Cattell) foram, então, exploradas pelo método de fatoração dos eixos principais (*principal axis factoring*), com rotação oblíqua (*direct oblimin*), conforme orientação de autores (Brown, 2006; Hair et al., 2005; Pasquali 2005; Tabachnick & Fidell, 1989). Os critérios (*factor loadings*; *cross-loadings* e *escolha da matriz de cargas fatoriais*) para análise e interpretação das estruturas das possíveis soluções foram os mesmos já descritos para *análise fatorial dos itens*, já descritos na sessão 4.2.1 anterior. Os resultados foram apresentados na **Tabelas 15 e 16**.

A **Tabela 15** apresenta as cargas, as comunalidades (h^2), as correlações inter-item (no caso, “inter-escalas”) e o *alpha* se o item for excluído (no caso “se a escala for excluída”). Fazendo um paralelo entre a configuração proposta pelo sistema DSM (APA, 2002) e a configuração encontrada para a solução de 2 fatores, verifica-se que a distribuição de cargas mostrada na **Tabela 15** mostrou o FATOR 1 agrupando as escalas que fazem parte do agrupamento A e B e algumas do C, enquanto que o FATOR 2 reteve apenas uma escala originalmente do agrupamento C e outra do B, replicando os resultados de Trull et al. (1993), para o PBQ.

Conforme propõem Trull et al. (1993), embora seja difícil de interpretar o padrão das cargas para a solução com 2 fatores, as características comuns das escalas retidas sugere que o FATOR 1 possa ser rotulado como “desconfiança/dominância interpessoal”, padrão comportamental geral que pode ser encontrado em maior ou menor intensidade, ainda que mantido por motivações diferentes, nos perfis dessas escalas. O FATOR 2, por sua vez, poderia ser rotulado como “apego interpessoal medroso/ansioso”, padrão característico comum das escalas dependente e *borderline* que foram agrupadas.

A **Tabela 16** apresenta as cargas, as comunalidades (h^2), as correlações inter-item e o *alpha* se o item for excluído. O padrão das cargas para a solução com 3 fatores sugere algo mais próximo aos agrupamentos A, B e C usado pelo sistema DSM (APA, 2002) para

categorizar os transtornos da personalidade com base em similaridades descritivas, do que apresenta a solução com 2 fatores. O FATOR 1 se relaciona com o agrupamento A (eixo Esquisito–Excêntrico) pela presença das escalas esquizoide/esquizotípica e paranoide; o FATOR 2 se aproxima do agrupamento C (eixo Ansioso–Medroso) em razão da presença das escalas esquiva, dependente e obsessivo-compulsiva e o FATOR 3 corresponde aproximadamente ao agrupamento B (eixo Dramático–Emotivo), pela presença das escalas antissocial, histriônica e narcisista agrupadas. As diferenças se mostraram apenas pela posição em que se agruparam as escalas *borderline* e passivo-agressiva.

A hipótese para escala *borderline* ter emergido no agrupamento C e não no agrupamento B, de acordo com o DSM-IV-TR pode estar na proximidade semântica das crenças compartilhadas entre essas duas escalas no PBQ-SF. A escala *borderline* compartilha 3 itens (DEP44, DEP45 e DEP56) com a escala dependente e mesmo um de seus itens próprios (BOR65) possui conteúdo comum às crenças da escala dependente.

O transtorno da personalidade passivo-agressiva não faz parte de nenhum agrupamento no DSM-IV-TR (APA, 2002), constando em apêndice e aguardando novas pesquisas. No DSM-III-TR, contudo, fazia parte do agrupamento C. Sua posição no FATOR 3 pode se explicar pelo fato de suas crenças compartilharem características mais próximas com as crenças dos perfis antissocial e narcisista (“direito a quebrar ou não cumprir regras”) do que as crenças das outras escalas do FATOR 2.

A análise da matriz residual para as soluções apontadas sugere que a solução fatorial com 3 fatores explica melhor a variabilidade dos dados, apresentando apenas 6% de correlações residuais superiores a 0,05 não explicadas pelo modelo, contra 26% para a solução de 2 fatores.

Tabela 15 – Solução fatorial com 2 fatores conforme critério de Kaiser.

Escala	h ²	Correlação inter-item	Alpha se item excluído	Cargas	
				FATOR 1 “Desconfiança/dominância interpessoal” 8 itens; Autovalor = 5,005; Variância = 50,047%; Alpha = 0,882	FATOR 2 “Apego interpessoal medroso/ansioso” 4 itens; Autovalor = 0,744; Variância = 7,741%; Alpha = 0,873
Paranoide	,640	,73	,86	,798	
Esquizoide/Esquizotípica	,422	,53	,88	,622	
Antissocial	,609	,73	,86	,779	
Histriônica	,511	,60	,87	,613	-,629
Narcisista	,488	,66	,86	,684	
Esquiva	,515	,65	,86	,677	
Obsessivo-compulsiva	,405	,60	,87	,624	
Passivo-agressiva	,519	,66	,86	,720	
Dependente	,908	,78	-		-,953
Borderline	,762	,78	-	,716	-,795

Todos Fatores: 10 itens; Autovalor = 5,8; Variância = 57,8%; Alpha = 0,90

Tabela 16 – Solução fatorial com 3 fatores conforme critério de Cattell.

Escala	h ²	Corr. inter-item	Alpha se item excluído	Cargas		
				FATOR 1 “Agrupamento A” 2 itens; Autovalor = 5,045; Variância = 50,448%; Alpha = 0,658	FATOR 2 “Agrupamento C” 4 itens; Autovalor = 0,755; Variância = 7,551%; Alpha = 0,836	FATOR 3 “Agrupamento B” 4 itens; Autovalor = 0,357; Variância = 3,574%; Alpha = 0,826
Paranoide	,640	,49	-	,623		-,704
Esquizoide/Esquizotípica	,492	,49	-	,679		
Antissocial	,670	,70	,76			-,803
Histriônica	,600	,62	,80		-,658	-,727
Narcisista	,595	,69	,76			-,771
Passivo-agressiva	,513	,60	,80	,537	-,492	-,669
Esquiva	,564	,67	,78		-,683	-,592
Dependente	,795	,65	,79		-,856	
Obsessivo-compulsiva	,413	,55	,85		-,536	-,556
Borderline	,875	,79	,72		-,924	-,670

Todos os Fatores: 10 itens; Autovalor = 6,2; Variância = 61,6%; Alpha = 0,90

5 – Conclusões

O objetivo desse trabalho foi realizar o estudo das propriedades psicométricas da versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form*, contemplando a verificação da consistência interna e a realização de análise fatorial como indicativo para a validade de construto.

Os resultados desse estudo forneceram apoio para a fidedignidade do PBQ-SF, confirmando os resultados apresentados em outros estudos com o PBQ (Trull et al., 1993; Beck et al., 2000; Butler et al., 2002) e PBQ-SF (Butler et al., 2007). A escala total apresentou índice de consistência interna elevada ($\alpha = 0,90$) e as estimativas de confiabilidade (α de *Crombach*) das escalas do PBQ-SF apresentaram níveis satisfatórios: paranoide (0,84), esquizoide/esquizotípica (0,68), antissocial (0,73), *borderline* (0,75), histriônica (0,78), narcisista (0,72), esquiva (0,64), dependente (0,71), obsessivo-compulsiva (0,80) e passivo-agressiva (0,68), apontando para uma significativa associação entre as crenças de cada uma das escalas ao seu correspondente transtorno da personalidade, conforme pressupõe o modelo de Beck et al. (2005).

Até o presente, não foi encontrado nenhum outro estudo fatorial do PBQ-SF com o qual fosse possível comparar nossos resultados. Este estudo não confirmou plenamente a estrutura original do PBQ-SF, demonstrando abalos na validade de construto para alguns transtornos da personalidade e itens específicos. Contudo, os resultados apresentaram um modelo (**Tabela 12**) muito aproximado de sua estrutura original, observando-se mais similaridades do que contradições entre eles.

A identificação das dimensões subjacentes aos 65 itens da versão brasileira do PBQ-SF promovida pela análise fatorial nos revelou quais itens apresentaram escores relativamente independentes e significativos. A solução fatorial apresentou uma configuração de 9 fatores muito próxima à estrutura original de 10 escalas proposta por Butler et al. (2007). Dos 65

itens da escala global original, 8 itens (ANT42, DEP62, DEP63, EQZ53, ESQ33, ESQ43, PAS04 e PAS07) foram achados não-discriminantes por apresentarem cargas fatoriais inferiores a 0,4 distribuídas entre vários fatores e por isso excluídos no modelo; e 11 itens (ANT23, ANT32, ANT38, ANT59, HIS08, NAR10, NAR60, ESQ31, ESQ39, BOR64, BOR65) foram agrupados em categorias diferentes daquelas de sua configuração original. Por exemplo, 3 itens da escala original antissocial (ANT32, ANT38, ANT59) se agruparam com itens da escala paranoide cujos conteúdos apontam para uma crença comum de que o outro é mau; e 1 item (ANT23) foi retido com os itens da escala histriônica cujos conteúdos apontam para crenças comuns de busca de dissimulação através do encanto e sedução. Interpretação análoga pode ser feita para os resultados apresentados pelos itens HIS08, NAR10, NAR60, ESQ31, ESQ39, BOR64 e BOR65 que se agruparam em categorias diferentes daquelas de sua configuração original, conforme mostrado na **Tabela 12**.

O fundamento lógico que justifica o agrupamento desses 11 itens em dimensões diferentes de suas correspondentes escalas originais pode ser proposto pela análise do conteúdo de suas declarações. Por exemplo, ainda que o enunciado dos 3 itens ANT32, ANT38, ANT59 e do item BOR64 sejam apropriados para caracterizarem padrões de crenças do perfil antissocial e *borderline* respectivamente, eles trazem em seu bojo o mesmo tema geral de “desconfiança” que os itens da escala paranoide trazem em suas declarações. As diferenciações existentes são muito sutis e tal proximidade semântica presente entre esses itens foi refletida no resultado fatorial obtido pela análise das intercorrelações dos escores desses itens, revelando uma dimensão latente única e comum entre eles. O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos outros itens que não configuraram juntos com os itens de sua escala original, conforme se examina os conteúdos das crenças apresentados nos **Quadros 01 a 10** (Anexo D).

Com base nesses resultados talvez sejam apropriados futuros estudos que busquem a reformulação do enunciado dos 8 itens excluídos no modelo e dos 12 itens que foram agrupados em categorias diferentes do previsto pelas escalas originais. Segundo Pasquali (1999), é fundamental que os itens de um questionário atendam a critérios de *simplicidade* (expressão uma única ideia), *relevância* (expressão consistente com o traço) e *precisão* (posição definida e distinta em relação aos demais itens no contínuo do atributo). Uma revisão desses itens referenciada a esses critérios buscaria produzir nas declarações diferenciações significativas entre as características cognitivas aparentemente comuns de alguns perfis de personalidade, visto que características cognitivas distintivas de um perfil de personalidade podem emergir em um outro perfil, sutilmente mantidas por razões subjetivas diferentes (Beck et al., 2005, Millon et al., 2004). A ideia, portanto, seria buscar diferenciá-las e diminuir ao máximo possível a área de interseção existente entre os perfis cognitivos, de modo que PBQ-SF possa alcançar maior especificidade entre os perfis cognitivos da personalidade e, conseqüentemente, melhores discriminações.

A sugestão da existência de alguma indiscriminação entre as escalas originais do PBQ-SF pode ser também observada pelos valores das intercorrelações encontrados (min = 0,15 dependente *versus* esquizoide/esquizotípica; máx = 0,77 dependente *versus* *borderline*) conforme mostradas na **Tabela 4**, repetindo os resultados encontrados em pesquisas anteriores com o PBQ (Beck et al., 2001; Trull et al., 1993) e PBQ-SF (Butler et al., 2007). Conforme propõe Trull et al. (1993), não é incomum observar alguma associação entre as escalas dos transtornos da personalidade e isso pode refletir uma sobreposição de características entre alguns transtornos (Widiger, 1991). No entanto, os construtos dos transtornos da personalidade sugerem que certos transtornos devem ser relativamente independentes uns dos outros. Por exemplo, seria de esperar que as crenças disfuncionais associadas às escalas esquiva *versus* antissocial ou às escalas dependente *versus* paranoide

não estivessem significativamente correlacionadas (0,45 e 0,42 respectivamente), ao contrário do que encontramos em nosso estudo. Além disso, a pontuação de alguns transtornos que, segundo a literatura (APA, 2002; Beck et al., 1993; Trull et al., 1993) são considerados pólos opostos, como por exemplo, dependente *versus* paranoide, esquizoide *versus* histriônica, esquizoide *versus* dependente, foram positivamente, e não negativamente, correlacionados. Visto que são pólos opostos de perfis, era esperado que a *direção* dessas correlações assumisse sinais negativos.

Beck et al. (2001) sugeriram que a razão mais provável para a existência dessas intercorrelações moderadas-alta seja a heterogeneidade encontrada nos transtornos do Eixo II e a raridade de se configurar categorias nosológicas em sua forma idealizada ou “pura” (Clark, 1999; Millon et al., 2004). Frequentemente, as pessoas não apresentam traços de apenas um perfil de personalidade, mas uma composição entre vários, demonstrando uma mistura ou combinação de crenças e estratégias associadas a diferentes transtornos. Sendo assim, é concebível pensar que apesar dos construtos dos perfis de personalidade serem relativamente independentes uns dos outros eles não são categorias estanques e completamente discrimináveis uns dos outros; ao contrário, eles estão presentes e se misturam em combinações diversas nos indivíduos, de modo que as características cognitivas distintivas de um perfil de personalidade podem perfeitamente sobrepor-se em um outro perfil, ainda que mantidas por motivações ou razões subjetivas diferentes (APA, 2002; Beck et al., 2005; Millon et al., 2004). Por exemplo, “embora o comportamento antissocial possa estar presente em alguns indivíduos com transtorno da personalidade paranoide, ele em geral não é motivado por um desejo de obter vantagens pessoais ou de explorar os outros, como no transtorno da personalidade antissocial, mas é mais frequentemente devido a um desejo de vingança” (APA, 2002, pag. 659). É diante dessa particularidade de sobreposição de algumas características entre os transtornos da personalidade que se sugere buscar, quando possível,

maior distinção entre os aspectos característicos aparentemente comuns refletidos nos enunciados dos itens do PBQ-SF excluídos do modelo e dos agrupados fora de sua escala original.

Outra proposição para a existência de moderada a alta variância compartilhada encontrada entre as escalas do PBQ e PBQ-SF pode estar na influência de uma variável estranha, um “fator de estresse/angústia geral” (Beck et al., 2001; Butler et al., 2007). Esta variável estaria associada à elevação geral de um perfil PBQ-SF, enquanto que a variabilidade entre as escalas do perfil PBQ-SF estaria associada aos fatores específicos dos transtornos (Butler et al., 2007).

Uma outra razão, já apontada por Beck et al., (2001) e confirmada pela análise fatorial deste presente estudo, repousaria no fato de que o PBQ-SF é um instrumento vulnerável a deficiências comum a todos os questionários de auto-relato. Portanto, em maior ou menor grau, é concebível que o PBQ-SF apresente limitações diante, por exemplo, da possível disposição falseada do participante em responder o questionário, da influência de seu estado afetivo ou de humor, da existência de gestão de esforços do respondente em causar (boa/má) impressão, e diante das diferenças individuais que se evidenciam em como um mesmo item possa ser interpretado (Anastasi & Urbina, 2000). Assim, apesar de todos os esforços, seja provável que itens de algumas escalas do PBQ-SF não carreguem toda a “clareza verbal” necessária para diferenciar precisamente as categorias nosológicas e, conseqüentemente, tenha permanecido algum grau de sobreposição entre as escalas do PBQ-SF, refletida pela variância comum presente entre suas escalas.

A existência de alguma indiscriminação entre as escalas originais do PBQ-SF pode ser também observada no segundo estudo fatorial feito, envolvendo o exame das intercorrelações entre os escores das escalas do questionário. Ambos os resultados para 2 ou 3 fatores evidenciaram alguma afinidade cognitiva existente entre os perfis. Conforme o pressuposto

teórico (APA, 2002, Millon et al., 2004), apesar dos construtos dos perfis de personalidade serem relativamente independentes e discrimináveis uns dos outros eles são categorias que se agrupam, compartilhando uma mistura ou combinação de crenças e estratégias. O modelo com 2 fatores replicou o agrupamento encontrado por Trull et al. (1993) e o modelo de 3 fatores encontrado se aproximou muito dos agrupamentos A, B e C que o sistema DSM usa para categorizar os transtornos da personalidade com base em similaridades descritivas (APA, 2002).

A investigação feita das propriedades psicométricas da versão brasileira do PBQ-SF apresenta forças, incluindo uma amostra relativamente ampla, e limitações que devem ser reconhecidas. Primeiro, nossos resultados estão baseados em uma amostra não-clínica. Participantes não-clínicos são menos propensos a apresentar significativa patologia da personalidade do que participantes clínicos e é possível que as pontuações das medidas sejam mais baixas e que menos variações nos escores ocorram. Variâncias menores nas medidas irão afetar negativamente o tamanho das correlações calculadas. Segundo Beck et al. (2001) o PBQ-SF foi projetado para uso com pacientes clínicos e testes para avaliar sua validade de critério deveriam avaliar seu desempenho com seu público alvo. No entanto, uma vez que um estilo de personalidade expressa um modo de funcionamento no mundo e somente uma fina linha separa o funcionamento normal do patológico (Clark, 1999; Millon et al., 2004) é importante pontuar que além de avaliar os aspectos psicopatológicos da personalidade, o PBQ-SF também avalia, de um modo geral, perfis de crenças. Nesse sentido, os resultados deste estudo mostraram-se muito relevantes no contexto da teoria da personalidade. Também deve ser salientado que transtornos da personalidade compõem formas mal-adaptativas dos traços de personalidade considerados estar presentes numa população não-clínica (Costa & McCrae, 1990; Trull, 1992; Wiggins & Pincus, 1989), sugerindo que estudos que avaliam

características de transtornos da personalidade em amostras não-clínicas são também informativas.

Segundo, a idade dos participantes pode ter limitado a composição de diagnóstico da amostra porque pela idade média, os participantes acabam de entrar no período de risco, ou seja, na fase adulto-jovem, para os transtornos da personalidade (APA, 2002; Trull, 1993).

Estes achados podem ser considerados preliminares e futuros estudos deveriam investigar a estrutura fatorial do PBQ-SF usando amostras clínicas. A análise fatorial deste estudo também fornece uma base para se proceder à revisão de alguns itens do PBQ-SF em futuras pesquisas.

De um modo geral, considerando a característica não-clínica da amostra desse estudo, os resultados de fidedignidade e validade obtidos são dignos de nota, oferecendo subsídios que demonstram a existência de validade para a versão brasileira do *Personality Belief Questionnaire – Short Form*. Os resultados sugerem que as escalas PBQ-SF têm valor como instrumento auxiliar de avaliação e de intervenção terapêuticos. A identificação das crenças fundamentais avaliadas pelo PBQ-SF numa perspectiva dimensional pode ajudar no foco da terapia e suas respostas podem ser revistas com os pacientes para explorar, por exemplo, como certas crenças estão afetando suas emoções e comportamentos e como essas crenças podem ter sido aprendidas e mantidas. Pacientes também podem ser guiados para avaliar as vantagens e desvantagens relativas de manter essas crenças e a desenvolver crenças alternativas mais adaptativas (Beck et al., 2001; Butler et al., 2007).

Pesquisas adicionais são ainda necessárias, mas nossos resultados somados a resultados de pesquisas anteriores sugerem que o PBQ-SF carrega a promessa de ser um instrumento prático para a medida das crenças disfuncionais relacionadas aos transtornos da personalidade.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV-TR* (4. ed. rev.). Porto Alegre: Artmed.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: an agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, 52, 1-26.
- Beck, A. T. (1991). Cognitive therapy. A 30-year retrospective. *American Psychologist*, 46(4), 368-375.
- Beck, A. T. (1993). Cognitive therapy: past, present, and future. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(2), 194-198.
- Beck, A. T. (2005a). Além da crença: uma teoria de modos, personalidade e psicopatologia. In P. M. Salkovskis (Ed.), *Fronteiras da Terapia Cognitiva* (pp. 21-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Beck, A. T. (2005b). The current status of cognitive therapy. A 40-year retrospect. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Beck, A. T. (2006). How an anomalous finding led to a new system of psychotherapy. *Nature Medicine*, 12(10), 1139-1141.
- Beck, A. T., & Alford, B. A. (2000). *O Poder integrador da Terapia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.

- Beck, A. T., & Beck, J. S. (1991). *The Personality Belief Questionnaire*. Unpublished assessment instrument. Bala Cynwyd, PA: The Beck Institute for Cognitive Therapy and Research.
- Beck, A. T., Butler, A. C., Brown, G. K., Dahlsgaard, K. K., Newman, C. F., & Beck, J. S. (2001). Dysfunctional beliefs discriminate personality disorders. *Behaviour Research and Therapy*, 39, 1213-1225.
- Beck, A. T., Freeman, A., et al., (1993). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Beck, A. T., Freeman, A., Davis, D. D., et al., (2005). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Brian, F. S., & Emery, G. (1982). *Terapia cognitiva da depressão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Beck, J. S. (1997). *Terapia Cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Beck, J. S. (2005). Terapia Cognitiva dos transtornos de personalidade. In P. M. Salkovskis (Ed.), *Fronteiras da Terapia Cognitiva* (pp. 151-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Beck, J. S. (2007). *Terapia Cognitiva para desafios clínicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Butler, A. C., Beck, A. T., Cohen, L. H. (2007). The Personality Belief Questionnaire-Short Form: Development and Preliminary Findings. *Cognitive Therapy Research*, 31, 357-370.
- Butler, A. C., Brown, G. K., Beck, A. T., & Grishman, J. R. (2002). Assessment of dysfunctional beliefs in borderline personality disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 40, 1231-1240.

- Butler, A. C., Chapman, J. B., Forman, E. M., Beck, A. T. (2006). The empirical status of cognitive-behavioral therapy: a review of meta-analyses. *Clinical Psychology Review*, 26, 17-31.
- Caballo, V. E. (2005). *Manual de transtornos de personalidade*. São Paulo: Editora Santos.
- Cattell, R. B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research*, 1, 245-276.
- Cervone, D. (2000). Evolutionary psychology and explanation in personality psychology. How do we know which module to invoke? *American Behavioral Scientist*, 46(2), 1001-1014.
- Clark, L. A. (1999). Dimensional approaches to personality disorder assessment and diagnosis. In C. Robert Cloninger (Ed.), *Personality and Psychopathology*, (pp. 219-244). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1990). Personality disorders and the five-factor model of personality. *Journal of Personality Disorders*, 4, 362-371.
- Dobbert, D. L. (2007). *Understanding personality disorders: an introduction*. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Freeman, A., & Dattilio, F. M. (1998). *Compreendendo a terapia cognitiva*. Campinas: Editorial Psy.
- Friedberg, R. D., & McClure, J. M. (2004). *A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Funder, D. C. (2001). Personality. *Annual Review of psychology*, 52, 197-221.
- Fydrich, T., Schmitz, B., Hennch, Ch. and Bodem, M. (1996). Zuverlässigkeit und Gültigkeit diagnostischer Verfahren zur Erfassung von Persönlichkeitsstörungen. In: Fydrich, T., Schmitz, B. and Limbarger, K., Editors, 1996. *Persönlichkeitsstörungen: Diagnostiek und Psychotherapie*, Beltz, Weinheim, pp. 91–116.

- Greenberg, M. S., & Beck, A. T. (1989). Depression versus anxiety: a test of the content-specificity hypothesis. *Journal of Abnormal Psychology*, 98, 9-13.
- Hair Jr., J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Harman, H. H. (1976). *Modern Factor Analysis* (3a ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- Hawton, K., Salkovskis, P. M., Kirk, J., & Clark, D. M. (1997). Terapia cognitivo-comportamental para problemas psiquiátricos: um guia prático. São Paulo: Martins Fontes.
- Hogan, T. P. (2006). *Introdução à pratica de testes psicológicos*. Rio de Janeiro: LTC.
- Hyler, S. E., Skodol, A. E., Oldham, J. M., Kellman, H. D., & Doidge, N. (1992). Validity of the personality diagnostic questionnaire-revised: a replication in an outpatient sample. *Comprehensive Psychiatry*, 33, 73-77.
- Kline, P. (1997). *An easy guide to factor analysis*. London: Routledge.
- Knapp, P. (2004). Princípios fundamentais da terapia cognitiva. In P. Knapp (Or.), *Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica* (pp.19-41). Porto Alegre: Artmed.
- Leahy, R. L. (2006). *Técnicas de Terapia Cognitiva: manual do terapeuta*. Porto Alegre: Artmed.
- Magnavita, J. J. (2004). *Handbook of personality disorders: theory and practice*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher S., & Ramnath, R. (2004). *Personality disorders in modern life*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Morey, L. C., Waugh, M. H., & Blashfield, R. K. (1985). MMPI scores for the DSM-III personality disorders: their derivation and correlates. *Journal of Personality Assessment*, 49, 245-251.

- Murphy, K. R., & Davidshofer, C. O. (1988). *Psychological testing: Principles and applications*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- Neenan, M.; Dryden, W (2000). *Essencial cognitive therapy*. London: Whurr.
- Nelson-Gray, R. O., Huprich, S. K., Kissling, G. E., & Ketchum, K. (2004). A Preliminary examination of Beck's cognitive theory of personality disorders in undergraduate analogues. *Personality and Individual Differences*, 36, 219-233.
- Padesky, C. A. (1994). Schema change processes in cognitive therapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 1(5), 267-278.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM.
- Pasquali, L. (2004). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Pasquali, L. (2005). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Pasquali, L. (2006). *Delineamento de pesquisa em ciência: fundamentos estatísticos da pesquisa científica*. Brasília: LapPAM.
- Robinson, D. J. (2005). *Disordered personality*. Port Huron, MI: Rapid Psychler Press.
- Savoia, M. G., Vianna, A. M., Esposito, B. P., Guimarães, E. P., Gil, G., Jorge, L. A. F. J., Toledo, L. C., & Santos, V. C. (2006). Adaptação do questionário de crenças dos transtornos de personalidade para o português. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, 51(2), 43-46.
- Stallard, P. (2004). *Bons Pensamentos – bons sentimentos: manual de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1989). *Using multivariate statistics* (2^a ed.). New York: Harper Collins.

- Thomas, J. C., & Segal, D. L. (2005). *Comprehensive Handbook of personality and psychopathology: personality and everyday functioning* (Vol. 1). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Trull, T. J. (1992). DSM-III-R personality disorders and the five-factor model of personality: an empirical comparison. *Journal of Abnormal Psychology, 101*, 553-560.
- Trull, T. J., Goodwin, A. H., Schopp, L.H., Hillenbrand, T. L., & Schuster, T. (1993). Psychometric properties of a cognitive measure of personality disorders. *Journal of Personality Assessment, 61*(3), 536-546.
- Widiger, T., Frances, A., Harris, M., Jacobsberg, L., Fyer, M., & Manning, D. (1991). Comorbidity among axis II disorders. In J. Oldham (Ed.), *Personality disorders: new perspectives on diagnostic validity* (pp. 165-194). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1989). Conceptions of personality disorders and dimensions of personality. *Psychological Assessment, 1*, 305-316.
- Young, J. E., & Klosko, J. S. (1994). *Reinventing your life: the breakthrough program to end negative behavior...and feel great again*. New York: Plume Book.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

ANEXO A

Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF)

Versão em Inglês

Autores: Aaron T. Beck & Judith S. Beck



PBQ-SF[©]

ACB 3/12/99

Name: _____ Date: _____

Office use only:

ID:

Intake

Please read the statements below and rate HOW MUCH YOU BELIEVE EACH ONE. Try to judge how you feel about each statement MOST OF THE TIME. Do not leave any statements blank.

4
|
I Believe it
Totally

3
|
I Believe it
Very Much

2
|
I Believe it
Moderately

1
|
I Believe it
Slightly

0
|
I Don't Believe
it at all

Example

	HOW MUCH DO YOU BELIEVE IT?				
	4 Totally	3 Very Much	2 Moderately	1 Slightly	0 Not at All
1. The world is a dangerous place. (Please circle)			2		
1. Being exposed as inferior or inadequate will be intolerable.	4	3	2	1	0
2. I should avoid unpleasant situations at all cost.	4	3	2	1	0
3. If people act friendly, they may be trying to use or exploit me.	4	3	2	1	0
4. I have to resist the domination of authorities but at the same time maintain their approval and acceptance.	4	3	2	1	0
5. I cannot tolerate unpleasant feelings.	4	3	2	1	0
6. Flaws, defects, or mistakes are intolerable.	4	3	2	1	0
7. Other people are often too demanding.	4	3	2	1	0
8. I should be the center of attention.	4	3	2	1	0
9. If I don't have systems, everything will fall apart.	4	3	2	1	0
10. It's intolerable if I'm not accorded my due respect or don't get what I'm entitled to	4	3	2	1	0
11. It is important to do a perfect job on everything.	4	3	2	1	0



58290

	HOW MUCH DO YOU BELIEVE IT?				
	4 Totally	3 Very Much	2 Moderately	1 Slightly	0 Not at All
12. I enjoy doing things more by myself than with other people.	4	3	2	1	0
13. Others will try to use me or manipulate me if I don't watch out.	4	3	2	1	0
14. Other people have hidden motives.	4	3	2	1	0
15. The worst possible thing would be to be abandoned.	4	3	2	1	0
16. Other people should recognize how special I am.	4	3	2	1	0
17. Other people will deliberately try to demean	4	3	2	1	0
18. I need others to help me make decisions or tell me what to do.	4	3	2	1	0
19. Details are extremely important.	4	3	2	1	0
20. If I regard people as too bossy, I have a right to disregard their demands.	4	3	2	1	0
21. Authority figures tend to be intrusive, demanding, interfering, and controlling.	4	3	2	1	0
22. The way to get what I want is to dazzle or amuse people.	4	3	2	1	0
23. I should do whatever I can get away with.	4	3	2	1	0
24. If other people find out things about me, they will use them against me	4	3	2	1	0
25. Relationships are messy and interfere with freedom.	4	3	2	1	0
26. Only people as brilliant as I am understand me.	4	3	2	1	0
27. Since I am so superior, I am entitled to special treatment and privileges.	4	3	2	1	0
28. It is important for me to be free and independent of others	4	3	2	1	0

58290

	HOW MUCH DO YOU BELIEVE IT?				
	4 Totally	3 Very Much	2 Moderately	1 Slightly	0 Not at All
29. In many situations, I am better off to be left alone.	4	3	2	1	0
30. It is necessary to stick to the highest standards at all times, or things will fall apart.	4	3	2	1	0
31. Unpleasant feelings will escalate and get out of control.	4	3	2	1	0
32. We live in a jungle and the strong person is the one who survives.	4	3	2	1	0
33. I should avoid situations in which I attract attention, or be as inconspicuous as possible.	4	3	2	1	0
34. If I don't keep others engaged with me, they won't like me.	4	3	2	1	0
35. If I want something, I should do whatever is necessary to get it.	4	3	2	1	0
36. It's better to be alone than to feel "stuck" with other people.	4	3	2	1	0
37. Unless I entertain or impress people, I am nothing.	4	3	2	1	0
38. People will get at me if I don't get them first.	4	3	2	1	0
39. Any signs of tension in a relationship indicate the relationship has gone bad; therefore, I should cut it off.	4	3	2	1	0
40. If I don't perform at the highest level, I will fail.	4	3	2	1	0
41. Making dealines, complying with demands, and conforming are direct blows to my pride and self-sufficiency.	4	3	2	1	0
42. I have been unfairly treated and am entitled to get my fair share by what ever means I can.	4	3	2	1	0
43. If people get close to me, they will discover the "real" me and reject me.	4	3	2	1	0
44. I am needy and weak.	4	3	2	1	0
45. I am helpless when I'm left on my own.	4	3	2	1	0



58290

	HOW MUCH DO YOU BELIEVE IT?				
	4 Totally	3 Very Much	2 Moderately	1 Slightly	0 Not at All
46. Other people should satisfy my needs.	4	3	2	1	0
47. If I follow the rules the way people expect, it will inhibit my freedom of action.	4	3	2	1	0
48. People will take advantage of me if I give them the chance.	4	3	2	1	0
49. I have to be on guard at all times.	4	3	2	1	0
50. My privacy is much more important to me than closeness to people.	4	3	2	1	0
51. Rules are arbitrary and stifle me.	4	3	2	1	0
52. It is awful if people ignore me.	4	3	2	1	0
53. What other people think doesn't matter to me.	4	3	2	1	0
54. In order to be happy, I need other people to pay attention to me.	4	3	2	1	0
55. If I entertain people, they will not notice my weaknesses.	4	3	2	1	0
56. I need somebody around available at all times to help me to carry out what I need to do or in case something bad happens	4	3	2	1	0
57. Any flaw or defect or performance may lead to a catastrophe.	4	3	2	1	0
58. Since I am so talented, people should go out of their way to promote my career.	4	3	2	1	0
59. If I don't push other people, I will get pushed around.	4	3	2	1	0
60. I don't have to be bound by the rules that apply to other people.	4	3	2	1	0
61. Force or cunning is the best way to get things done.	4	3	2	1	0
62. I must maintain access to my supporter or helper at all times.	4	3	2	1	0
63. I am basically alone -- unless I can attach myself to a stronger person.	4	3	2	1	0
64. I cannot trust other people.	4	3	2	1	0
65. I can't cope as other people can.	4	3	2	1	0

ANEXO B

Personality Belief Questionnaire (PBQ)

Versão em Português

Autores: Aaron T. Beck & Judith S. Beck

Adaptação: Mariângela G. Savoia & Colaboradores

	4 ----- Acredito Totalmente	3 ----- Acredito Bastante	2 ----- Acredito Moderadamente	1 ----- Acredito um pouco	0 Eu não acredito nisso
11. É melhor não fazer nada, do que tentar algo que possa falhar.	4	3	2	1	0
12. Se eu não pensar em um problema eu não tenho que fazer nada a respeito dele.	4	3	2	1	0
13. Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la.	4	3	2	1	0
14. Se eu ignorar um problema ele desaparecerá.	4	3	2	1	0
15. Eu sou carente e frágil.	4	3	2	1	0
16. Eu preciso de alguém ao meu redor disponível a todo momento para me ajudar a executar aquilo que eu preciso fazer ou em caso de acontecer alguma coisa ruim.	4	3	2	1	0
17. Meu companheiro(a) pode ser educado, partidário e confidente – se ele quiser.	4	3	2	1	0
18. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.	4	3	2	1	0
19. Eu sou preferencialmente uma pessoa só, a menos que eu possa me ligar a alguém mais forte do que eu.	4	3	2	1	0
20. A pior coisa que poderá me acontecer é ser abandonado.	4	3	2	1	0
21. Se eu não for amado serei sempre infeliz.	4	3	2	1	0
22. Eu não devo fazer nada que possa ofender meu companheiro(a).	4	3	2	1	0
23. Eu devo ser submisso para manter a boa vontade do meu companheiro(a).	4	3	2	1	0
24. Eu devo me manter acessível ao meu companheiro(a) o tempo todo.	4	3	2	1	0
25. Eu deveria cultivar relacionamentos íntimos a medida do possível.	4	3	2	1	0
26. Eu não consigo tomar decisões sozinho.	4	3	2	1	0
27. Eu não consigo enfrentar situações como outras pessoas.	4	3	2	1	0

	4 ----- Acredito Totalmente	3 ----- Acredito Bastante	2 ----- Acredito Moderadamente	1 ----- Acredito um pouco	0 Eu não acredito nisso
28. Eu preciso de outras pessoas para tomar decisões ou dizer o que eu devo fazer.	4	3	2	1	0
29. Eu sou auto-suficiente, mas preciso dos outros para alcançar minhas metas.	4	3	2	1	0
30. A única maneira de preservar minha auto-estima consiste em afirmar-me indiretamente, por exemplo, não cumprindo instruções com exatidão.	4	3	2	1	0
31. Eu gosto de estar vinculado(a) a pessoas, mas não quero pagar o preço de ser dominado(a).	4	3	2	1	0
32. Figuras de autoridade tendem a ser intrusivas, exigentes, intrometidas e controladoras.	4	3	2	1	0
33. Eu tenho que resistir a dominação das autoridades mas ao mesmo tempo manter sua aprovação e aceitação.	4	3	2	1	0
34. Ser controlado(a) ou dominado(a) pelos outros é intolerável.	4	3	2	1	0
35. Eu tenho que fazer as coisas do meu jeito.	4	3	2	1	0
36. Cumprir prazos, ceder a exigências e me enquadrar ferem diretamente meu orgulho e auto suficiência.	4	3	2	1	0
37. Se eu seguir as regras da maneira que as pessoas esperam, isto inibirá minha liberdade de ação.	4	3	2	1	0
38. É melhor não expressar minha raiva diretamente, mas mostrar meu descontentamento não me conformando.	4	3	2	1	0
39. Eu sei o que é melhor para mim e os outros não deveriam me dizer o que fazer.	4	3	2	1	0
40. Regras são arbitrárias e me paralisam.	4	3	2	1	0
41. Outras pessoas são freqüentemente muito exigentes.	4	3	2	1	0
42. O fato de eu achar que alguém é muito autoritário, me dá o direito de desrespeitar suas ordens.	4	3	2	1	0

	4	3	2	1	0
	Acredito Totalmente	Acredito Bastante	Acredito Moderadamente	Acredito um pouco	Eu não acredito nisto
43. Eu sou totalmente responsável por mim mesmo e pelos outros.	4	3	2	1	0
44. Eu tenho que contar comigo se quiser que as coisas sejam feitas.	4	3	2	1	0
45. As outras pessoas tendem a ser muito despreocupadas, freqüentemente irresponsáveis, indulgentes consigo próprias e incompetentes.	4	3	2	1	0
46. É importante fazer tudo perfeito.	4	3	2	1	0
47. Eu necessito de ordem, sistematização, e regras para que as coisas sejam feitas apropriadamente.	4	3	2	1	0
48. Se eu não tiver sistematização, tudo irá ruir.	4	3	2	1	0
49. Qualquer defeito ou falha no desempenho podem levar a uma catástrofe.	4	3	2	1	0
50. É necessário fixar sempre o padrão mais elevado, ou as coisas irão ruir.	4	3	2	1	0
51. Eu tenho que Ter controle completo de minhas emoções.	4	3	2	1	0
52. As pessoas deveriam fazer as coisas do meu jeito.	4	3	2	1	0
53. Se eu não tiver um desempenho no mais alto nível, eu falharei.	4	3	2	1	0
54. Falhas, defeitos, ou erros são intoleráveis.	4	3	2	1	0
55. Os detalhes são extremamente importantes.	4	3	2	1	0
56. A minha maneira de fazer as coisas é geralmente a melhor.	4	3	2	1	0
57. Sou eu que tenho que cuidar de mim mesmo.	4	3	2	1	0
58. A melhor maneira de conseguir as coisas é através da força e da esperteza.	4	3	2	1	0
59. Nós vivemos em uma selva e sobrevive aquele que for mais forte.	4	3	2	1	0

	4	3	2	1	0
	Acredito Totalmente	Acredito Bastante	Acredito Moderadamente	Acredito um pouco	Eu não acredito nisso
60. As pessoas vão me atacar se eu não atacá-las primeiro.	4	3	2	1	0
61. Não é importante manter as promessas ou honrar dívidas.	4	3	2	1	0
62. Não há problema em mentir ou trapacear, desde que você não seja pego.	4	3	2	1	0
63. Eu fui injustiçado e me sinto autorizado a cobrar meus direitos não importando a maneira com que eu faça isso.	4	3	2	1	0
64. As outras pessoas são fracas e merecem ser dominadas.	4	3	2	1	0
65. Se eu não explorar os outros, eles me explorarão.	4	3	2	1	0
66. Eu devo fazer tudo o que puder para não ser descoberto.	4	3	2	1	0
67. Eu não me importo com o que os outros pensam a meu respeito.	4	3	2	1	0
68. Quando eu quero alguma coisa eu devo fazer o que for necessário para conseguí-la.	4	3	2	1	0
69. Eu consigo sair impune das situações, então não preciso me preocupar com as conseqüências.	4	3	2	1	0
70. Se as pessoas não podem cuidar de si próprias, então o problema é delas.	4	3	2	1	0
71. Eu sou uma pessoa muito especial.	4	3	2	1	0
72. Como eu sou uma pessoa superior, mereço tratamento e privilégios especiais.	4	3	2	1	0
73. Eu não preciso seguir as mesmas regras que são aplicadas às outras pessoas.	4	3	2	1	0
74. É muito importante ter reconhecimento, elogio e admiração.	4	3	2	1	0
75. Se os outros não respeitam o meu status, eles precisam ser punidos.	4	3	2	1	0

	4 ----- Acredito Totalmente	3 ----- Acredito Bastante	2 ----- Acredito Moderadamente	1 ----- Acredito um pouco	0 ----- Eu não acredito nisso
76. As outras pessoas devem satisfazer minhas necessidades.	4	3	2	1	0
77. As outras pessoas devem saber que sou especial.	4	3	2	1	0
78. É intolerável que eu receba o respeito que me é devido ou o que me é de direito.	4	3	2	1	0
79. Os outros não merecem a admiração ou a riqueza que possuem.	4	3	2	1	0
80. As pessoas não tem direito de me criticar.	4	3	2	1	0
81. As necessidades de ninguém deveriam intervir com as minhas.	4	3	2	1	0
82. Como eu sou muito talentoso, as pessoas deveriam fazer de tudo para promover a minha carreira.	4	3	2	1	0
83. Somente as pessoas tão brilhantes quanto eu, podem me entender.	4	3	2	1	0
84. Eu tenho razões ao esperar grandes coisas.	4	3	2	1	0
85. Eu sou uma pessoa interessante e estimulante.	4	3	2	1	0
86. Para ser feliz, eu preciso de que as outras pessoas prestem atenção em mim.	4	3	2	1	0
87. Eu não sou nada a menos que eu entretenha ou impressione as pessoas.	4	3	2	1	0
88. Se eu não mantiver os outros envolvidos comigo, eles não irão gostar de mim.	4	3	2	1	0
89. A maneira para conseguir o que quero é fascinar ou divertir as pessoas.	4	3	2	1	0
90. Se as pessoas não respondem muito positivamente a mim, elas não prestam.	4	3	2	1	0
91. É horrível se as pessoas me ignoram.	4	3	2	1	0
92. Eu deveria ser o centro das atenções.	4	3	2	1	0
93. Eu não tenho que me preocupar em pensar muito sobre as coisas, posso me guiar pelos meus instintos.	4	3	2	1	0

	4	3	2	1	0
	Acredito Totalmente	Acredito Bastante	Acredito Moderadamente	Acredito um pouco	Eu não acredito nisso
94. Se eu entretenho as pessoas, elas não irão perceber minhas fraquezas.	4	3	2	1	0
95. Eu não consigo tolerar o tédio.	4	3	2	1	0
96. Se eu tiver vontade de fazer alguma coisa, devo seguir em frente e fazê-lo.	4	3	2	1	0
97. As pessoas irão me notar somente se eu agir de forma exagerada.	4	3	2	1	0
98. Sentimentos e intuições são muito mais importantes do que o pensamento e planejamento racional.	4	3	2	1	0
99. Não me preocupo com que outras pessoas pensam de mim.	4	3	2	1	0
100. É importante para mim me sentir livre e independente de outras pessoas.	4	3	2	1	0
101. Eu gosto mais de fazer as coisas sozinho do que com outras pessoas.	4	3	2	1	0
102. Em muitas situações eu prefiro ficar sozinho.	4	3	2	1	0
103. Eu não sou influenciado pelos outros naquilo que decido fazer.	4	3	2	1	0
104. Não considero importante relacionamentos íntimos.	4	3	2	1	0
105. Eu traço meus próprios padrões e objetivos.	4	3	2	1	0
106. A minha privacidade é mais importante para mim do que estar com as pessoas.	4	3	2	1	0
107. O que as pessoas pensam não me importa.	4	3	2	1	0
108. Eu posso resolver as coisas do meu jeito sem a ajuda de ninguém.	4	3	2	1	0
109. É melhor se sentir sozinho do que preso às outras pessoas.	4	3	2	1	0
110. Eu não deveria confiar nos outros.	4	3	2	1	0
111. Eu posso usar as pessoas para realizar meus objetivos.	4	3	2	1	0

	4	3	2	1	0
	Acredito Totalmente	Acredito Bastante	Acredito Moderadamente	Acredito um pouco	Eu não acredito nisso
112.Relacionamentos são confusos e complicados e interferem com a liberdade.	4	3	2	1	0
113.Eu não posso confiar nas pessoas.	4	3	2	1	0
114.As pessoas possuem motivos escondidos.	4	3	2	1	0
115.As pessoas tentarão me usar ou me manipular se eu não tomar cuidado.	4	3	2	1	0
116.Eu tenho que estar atento, na defensiva, a todo instante.	4	3	2	1	0
117.Não é seguro confiar nas outras pessoas.	4	3	2	1	0
118.Se as pessoas agem de maneira amistosa, talvez estejam tentando me usar ou me explorar.	4	3	2	1	0
119.Pessoas irão me explorar se eu der a elas a chance.	4	3	2	1	0
120.A maior parte das pessoas é hostil	4	3	2	1	0
121.Os outros vão deliberadamente querer me prejudicar.	4	3	2	1	0
122.Freqüentemente as pessoas deliberadamente querem me incomodar.	4	3	2	1	0
123.Eu estarei em sérias dificuldades se deixar que os outros pensem que podem me maltratar impunemente.	4	3	2	1	0
124.Se os outros descobrirem coisas a meu respeito eles poderão usar isto contra mim.	4	3	2	1	0
125.As pessoas freqüentemente dizem uma coisa mas na verdade, pensam outra.	4	3	2	1	0
126.Uma pessoa próxima pode vir a ser desleal ou infiel.	4	3	2	1	0

ANEXO C

Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF)

Versão em Português

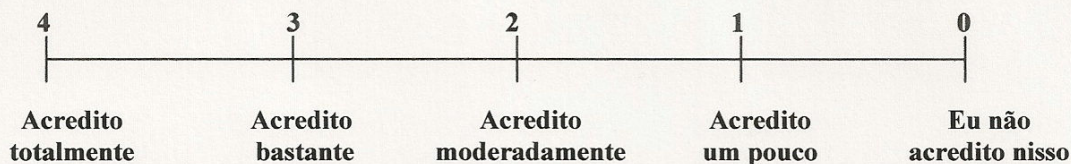
Autores: Aaron T. Beck & Judith S. Beck

Adaptação: Mariângela G. Savoia & Colaboradores

Curso: _____ Idade: _____ Sexo: Mas. Fem.

Questionário de Crenças Pessoais – Forma Reduzida

Leia os itens abaixo e marque O QUANTO VOCÊ ACREDITA EM CADA UM. Procure avaliar como você se sente A MAIOR PARTE DO TEMPO. Por favor, não deixe nenhuma afirmação em branco.



Exemplo:

1. O mundo é um lugar perigoso.

(Por favor, circule)

O QUANTO VOCÊ ACREDITA NISSO?

	4	3	2	1	0
	Total-Mente	Bastante	Moderadamente	Um pouco	Não acredito
1. Ser exposto como inferior ou inadequado é intolerável para mim.	4	3	2	1	0
2. Eu deveria evitar situações desagradáveis a todo custo.	4	3	2	1	0
3. Se as pessoas agem de maneira amistosa, talvez estejam tentando me usar ou me explorar.	4	3	2	1	0
4. Eu tenho que resistir a dominação das autoridades, mas ao mesmo tempo manter sua aprovação e aceitação.	4	3	2	1	0
5. Eu não consigo tolerar sentimentos desagradáveis.	4	3	2	1	0
6. Falhas, defeitos, ou erros são intoleráveis.	4	3	2	1	0
7. Outras pessoas são frequentemente muito exigentes.	4	3	2	1	0
8. Eu deveria ser o centro das atenções.	4	3	2	1	0
9. Se eu não tiver sistematização, tudo irá ruir.	4	3	2	1	0
10. É intolerável que eu não receba o respeito que me é devido ou que me é de direito.	4	3	2	1	0
11. É importante fazer tudo perfeito.	4	3	2	1	0
12. Eu gosto mais de fazer as coisas sozinho do que com outras pessoas.	4	3	2	1	0
13. As pessoas tentarão me usar ou me manipular se eu não tomar cuidado.	4	3	2	1	0
14. As pessoas possuem motivos escondidos.	4	3	2	1	0
15. A pior coisa que poderá me acontecer é ser abandonado.	4	3	2	1	0
16. As outras pessoas devem saber que sou especial.	4	3	2	1	0
17. Os outros vão deliberadamente querer me prejudicar.	4	3	2	1	0
18. Eu preciso de outras pessoas para tomar decisões ou dizer o que eu devo fazer.	4	3	2	1	0

	O QUANTO VOCÊ ACREDITA NISSO?				
	Total- mente	Bastante	Modera- damente	Um pouco	Não acredito
19. Os detalhes são extremamente importantes.	4	3	2	1	0
20. O fato de eu achar que alguém é muito autoritário me dá o direito de desrespeitar suas ordens.	4	3	2	1	0
21. Figuras de autoridade tendem a ser intrusivas, exigentes, intrometidas e controladoras.	4	3	2	1	0
22. A maneira para conseguir o que quero é fascinar ou divertir as pessoas.	4	3	2	1	0
23. Eu devo fazer tudo o que puder para não ser descoberto.	4	3	2	1	0
24. Se os outros descobrirem coisas a meu respeito eles poderão usar isto contra mim.	4	3	2	1	0
25. Relacionamentos são confusos e complicados e interferem com a liberdade.	4	3	2	1	0
26. Somente as pessoas tão brilhantes quanto eu podem me entender.	4	3	2	1	0
27. Como eu sou uma pessoa superior, mereço tratamento e privilégios especiais.	4	3	2	1	0
28. É importante para mim me sentir livre e independente de outras pessoas.	4	3	2	1	0
29. Em muitas situações eu prefiro ficar sozinho.	4	3	2	1	0
30. É necessário fixar sempre o padrão mais elevado, ou as coisas irão ruir.	4	3	2	1	0
31. Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle.	4	3	2	1	0
32. Nós vivemos em uma selva e sobrevive aquele que for mais forte.	4	3	2	1	0
33. Eu deveria evitar situações nas quais poderia atrair atenção ou ser o mais imperceptível possível.	4	3	2	1	0
34. Se eu não mantiver os outros envolvidos comigo, eles não irão gostar de mim.	4	3	2	1	0
35. Quando eu quero alguma coisa eu devo fazer o que for necessário para consegui-la.	4	3	2	1	0
36. É melhor se sentir sozinho do que preso às outras pessoas.	4	3	2	1	0
37. Eu não sou nada, a menos que eu entretenha ou impressione as pessoas.	4	3	2	1	0
38. As pessoas vão me atacar se eu não atacá-las primeiro.	4	3	2	1	0
39. Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la.	4	3	2	1	0
40. Se eu não tiver um desempenho no mais alto nível, eu falharei.	4	3	2	1	0
41. Cumprir prazos, ceder a exigências e me enquadrar ferem diretamente meu orgulho e auto-suficiência.	4	3	2	1	0
42. Eu fui injustiçado e me sinto autorizado a cobrar meus direitos não importando a maneira com que eu faça isso.	4	3	2	1	0
43. Se as pessoas se aproximarem de mim descobrirão quem eu realmente sou e me rejeitarão.	4	3	2	1	0

	O QUANTO VOCÊ ACREDITA NISSO?				
	Total- mente	Bastante	Moderada- mente	Um pouco	Não acredito
44. Eu sou carente e frágil.	4	3	2	1	0
45. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.	4	3	2	1	0
46. As outras pessoas devem satisfazer minhas necessidades.	4	3	2	1	0
47. Se eu seguir as regras da maneira que as pessoas esperam, isto inibirá minha liberdade de ação.	4	3	2	1	0
48. Pessoas irão me explorar se eu der a elas a chance.	4	3	2	1	0
49. Eu tenho que estar atento, na defensiva, a todo instante.	4	3	2	1	0
50. A minha privacidade é mais importante para mim do que estar com as pessoas.	4	3	2	1	0
51. Regras são arbitrárias e me paralisam.	4	3	2	1	0
52. É horrível se as pessoas me ignoram.	4	3	2	1	0
53. O que as pessoas pensam não me importa.	4	3	2	1	0
54. Para ser feliz, eu preciso de que as outras pessoas prestem atenção em mim.	4	3	2	1	0
55. Se eu entretenho as pessoas, elas não irão perceber minhas fraquezas.	4	3	2	1	0
56. Eu preciso de alguém ao meu redor disponível a todo momento para me ajudar a executar aquilo que eu preciso fazer ou em caso de acontecer alguma coisa ruim.	4	3	2	1	0
57. Qualquer defeito ou falha no desempenho podem levar a uma catástrofe.	4	3	2	1	0
58. Como eu sou muito talentoso, as pessoas deveriam fazer de tudo para promover a minha carreira.	4	3	2	1	0
59. Se eu não explorar os outros, eles me explorarão.	4	3	2	1	0
60. Eu não preciso seguir as mesmas regras que são aplicadas às outras pessoas.	4	3	2	1	0
61. A melhor maneira de conseguir as coisas é através da força e da esperteza.	4	3	2	1	0
62. Eu devo me manter acessível ao meu companheiro(a) o tempo todo.	4	3	2	1	0
63. Eu sou preferencialmente uma pessoa só, a menos que eu possa me ligar a alguém mais forte do que eu.	4	3	2	1	0
64. Eu não posso confiar nas pessoas.	4	3	2	1	0
65. Eu não consigo enfrentar situações como outras pessoas.	4	3	2	1	0

ANEXO D

Análise do conteúdo das crenças das escalas do PBQ-SF

Quadro 1 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **paranoide** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

PARANOIDE	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
3. Se as pessoas agem de maneira amistosa, talvez estejam tentando me usar ou me explorar.		O outro é mal-intencionado.		Malícia Desconfiança
13. As pessoas tentarão me usar ou me manipular se eu não tomar cuidado.		O outro é mal-intencionado.	Devo tomar cuidado.	Malícia Desconfiança Vigilância
14. As pessoas possuem motivos escondidos.		O outro é mal-intencionado.		Malícia Desconfiança
17. Os outros vão deliberadamente querer me prejudicar.		O outro é mal-intencionado.		Malícia Desconfiança
24. Se os outros descobrirem coisas a meu respeito eles poderão usar isto contra mim.		O outro é mal-intencionado.		Malícia Desconfiança
48. Pessoas irão me explorar se eu der a elas a chance.		O outro é mal-intencionado.	Devo tomar cuidado.	Malícia Desconfiança Vigilância
49. Eu tenho que estar atento, na defensiva, a todo instante.			Devo tomar cuidado.	Vigilância

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 2 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **esquizoide/esquizotípica** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

ESQUIZOIDE / ESQUIZOTÍPICA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
12. Eu gosto mais de fazer as coisas sozinho do que com outras pessoas.	Eu prefiro fazer coisas sozinho.			Preferência por fazer coisas sozinho.
25. Relacionamentos são confusos e complicados e interferem com a liberdade.		Relacionamentos são complicados.		Ênfase negativa nos relacionamentos
28. É importante para mim me sentir livre e independente de outras pessoas.	É importante me sentir livre e independente.			Ênfase na liberdade e independência.
29. Em muitas situações eu prefiro ficar sozinho.	Eu prefiro ficar sozinho.			Preferência em estar sozinho.
36. É melhor se sentir sozinho do que preso às outras pessoas.	(i) Eu prefiro me sentir sozinho.	Sentir sozinho é melhor que estar preso a outros.		Preferência em estar sozinho.
50. A minha privacidade é mais importante para mim do que estar com as pessoas.	Eu prefiro minha privacidade (estar sozinho).			Preferência em estar sozinho.
53. O que as pessoas pensam não me importa.		A opinião do outro é sem importância para mim.		Indiferença à opinião alheia.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 3 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **antisocial** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

ANTISSOCIAL	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
23. Eu devo fazer tudo o que puder para não ser descoberto.	(i) Eu não posso ser descoberto.		Devo fazer tudo que puder para não ser descoberto.	Temor de ser descoberto.
32. Nós vivemos em uma selva e sobrevive aquele que for mais forte.		O mundo é selvagem; o mundo é agressivo (malícia).	(i) Devo ser forte. (i) Devo desconfiar e vigiar	Ênfase na agressividade
35. Quando eu quero alguma coisa eu devo fazer o que for necessário para consegui-la.			Devo fazer o que <i>for necessário</i> para conseguir o que quero.	Egocentrismo (com/sem violação de regras)
38. As pessoas vão me atacar se eu não atacá-las primeiro.		O outro é mal-intencionado (atacam).	Devo atacar para não ser atacado.	Desconfiança no outro. Defensividade agressiva.
42. Eu fui injustiçado e me sinto autorizado a cobrar meus direitos não importando a maneira com que eu faça isso.	Sou “vítima”. Tenho meus “direitos”.	(i) O outro é promotor de injustiça contra mim.	Devo fazer o que <i>for preciso</i> para valer meu direito.	Egocentrismo (com/sem violação de regras)
59. Se eu não explorar os outros, eles me explorarão.		O outro é mal-intencionado (exploram).	Devo explorar os outros.	Desconfiança no outro. Defensividade agressiva.
61. A melhor maneira de conseguir as coisas é através da força e da esperteza.		O mundo funciona assim: com força/esperteza.	(i) Devo ser forte e esperto.	Ênfase na agressividade, esperteza.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 4 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **borderline** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

BORDERLINE	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
31. Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle.	Eu não controlo bem sentimentos desagradáveis			Incapacidade de gerir sentimentos desagradáveis.
44. Eu sou carente e frágil.	Sou carente e frágil.			Carência de ajuda/apoio Fragilidade Fragilidade
45. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.	Sou indefeso.			
49. Eu tenho que estar atento, na defensiva, a todo instante.			Devo tomar cuidado.	Vigilância
56. Eu preciso de alguém ao meu redor disponível a todo momento para me ajudar a executar aquilo que eu preciso fazer ou em caso de acontecer alguma coisa ruim.	Sou carente de ajuda sobre o que fazer.	(i) O outro pode me ajudar e deve estar sempre disponível.		Carência de ajuda/apoio Insegurança
64. Eu não posso confiar nas pessoas.		(i) O outro não é digno de confiança (malícia).	Eu não devo confiar nas pessoas.	Desconfiança no outro.
65. Eu não consigo enfrentar situações como outras pessoas.	Eu não consigo enfrentar situações.	(i) O outro é competente.		Incapacidade de enfrentamento.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 5 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **histriônica** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

HISTRIÔNICA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
8. Eu deveria ser o centro das atenções.	Eu me vejo como o centro das atenções.		Devo ser o centro das atenções	Necessidade de atenção
22. A maneira para conseguir o que quero é fascinar ou divertir as pessoas.			Devo fascinar/divertir para conseguir o que quero.	Ênfase na sedução/encantamento.
34. Se eu não mantiver os outros envolvidos comigo, eles não irão gostar de mim.		O outro gosta de mim quando eu o envolvo.	Devo envolver os outros	Ênfase em envolvimento. Temor da rejeição.
37. Eu não sou nada, a menos que eu entretenha ou impressione as pessoas.	Não sou nada se não impressionar.		Devo impressionar os outros.	Ênfase na sedução/encantamento.
52. É horrível se as pessoas me ignoram.	E horrível quando sou ignorado.			Temor da rejeição
54. Para ser feliz, eu preciso de que as outras pessoas prestem atenção em mim.	Sou feliz quando tenho atenção dos outros.	(i) O outro deve prestar atenção em mim.	(i) Busco ter a atenção dos outros.	Necessidade de atenção
55. Se eu entretenho as pessoas, elas não irão perceber minhas fraquezas.	Sou defectivo (tenho fraquezas)		Devo entreter os outros	Ênfase na sedução/encantamento.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 6 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **narcisista** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

NARCISISTA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
10. É intolerável que eu não receba o respeito que me é devido ou que me é de direito.	Eu não tolero não receber respeito.			Hipersensibilidade a não receber tratamento merecido.
16. As outras pessoas devem saber que sou especial.	Sou especial.	O outro deve saber que sou especial		Necessidade de admiração/atenção.
26. Somente as pessoas tão brilhantes quanto eu podem me entender.	Sou uma pessoa brilhante.	Os “brilhantes” me entendem.		Superioridade
27. Como eu sou uma pessoa superior, mereço tratamento e privilégios especiais.	Sou superior e mereço tratamento especial.	(i) O outro deve me tratar com deferência.		Superioridade Direito a tratamento especial.
46. As outras pessoas devem satisfazer minhas necessidades.		O outro deve me servir.		Direito de ser servido.
58. Como eu sou muito talentoso, as pessoas deveriam fazer de tudo para promover a minha carreira.	Sou muito talentoso.	O outro deve me promover.		Superioridade Direito de ser servido.
60. Eu não preciso seguir as mesmas regras que são aplicadas às outras pessoas.	Eu não preciso seguir regras.	O outro deve seguir regras	(i) Eu não devo seguir regras	Superioridade Direito de não seguir regras.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 7 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **esquiva** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

ESQUIVA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
1. Ser exposto como inferior ou inadequado é intolerável para mim.	Eu não tolero ser exposto e ser mal avaliado.			Hipersensibilidade a ser exposto e mal-avaliado.
2. Eu deveria evitar situações desagradáveis a todo custo.			Devo evitar situações desagradáveis	Evitação de situações desagradáveis.
5. Eu não consigo tolerar sentimentos desagradáveis.	Eu não tolero sentimentos desagradáveis.		(i) Devo evitar sentimentos desagradáveis	Hipersensibilidade a sentimentos desagradáveis.
31. Sentimentos desagradáveis poderão aumentar e fugir do meu controle.	Eu não controlo bem sentimentos desagradáveis			Incapacidade de gerir sentimentos desagradáveis.
33. Eu deveria evitar situações nas quais poderia atrair atenção ou ser o mais imperceptível possível.			Devo evitar chamar atenção ou ficar imperceptível	Evitação de ser percebido/chamar atenção.
39. Qualquer sinal de tensão em um relacionamento indica que a relação vai mal e que eu deveria encerrá-la.			Devo evitar relações “com tensão” encerrando-as.	Evitação de situações desagradáveis.
43. Se as pessoas se aproximarem de mim descobrirão quem eu realmente sou e me rejeitarão.	(i) Quem eu “realmente sou” é digno de rejeição.	O outro é rejeitador.	(i) Não devo me aproximar muito do outro.	Temor da aproximação. Temor da rejeição.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 8 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **dependente** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

DEPENDENTE	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
15. A pior coisa que poderá me acontecer é ser abandonado.	Se eu for abandonado será a pior coisa.	(i) O abandono é a pior coisa.		Temor do abandono
18. Eu preciso de outras pessoas para tomar decisões ou dizer o que eu devo fazer.	Sou carente de ajuda sobre o que fazer.	(i) O outro pode me ajudar		Carência de ajuda/apoio
44. Eu sou carente e frágil.	Sou carente e frágil.			Insegurança Carência de ajuda/apoio Fragilidade
45. Eu sou indefeso quando deixado por minha própria conta.	Sou indefeso.			
56. Eu preciso de alguém ao meu redor disponível a todo momento para me ajudar a executar aquilo que eu preciso fazer ou em caso de acontecer alguma coisa ruim.	Sou carente de ajuda sobre o que fazer.	(i) O outro pode me ajudar e deve estar sempre disponível.		Carência de ajuda/apoio Insegurança
62. Eu devo me manter acessível ao meu companheiro(a) o tempo todo.			Devo ser acessível ao outro a todo tempo.	Comportamento submisso/servil
63. Eu sou preferencialmente uma pessoa só, a menos que eu possa me ligar a alguém mais forte do que eu.	Eu me sinto só se não tenho alguém comigo.		(i) Devo me aderir a alguém.	Insegurança

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 9 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **obsessivo-compulsiva** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

OBSESSIVO-COMPULSIVA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
6. Falhas, defeitos, ou erros são intoleráveis.	(i) Eu não tolero falhas, defeitos...	Falhas são “coisas” intoleráveis.		Hipersensibilidade a falhas.
9. Se eu não tiver sistematização, tudo irá ruir.		(i) Sem planejamento as coisas dão errado.	Devo sistematizar.	Ênfase no planejamento.
11. É importante fazer tudo perfeito.		As coisas são assim: devem sair perfeitas.	(i) Devo fazer tudo perfeito.	Ênfase em padrão de desempenho (perfeito).
19. Os detalhes são extremamente importantes.		Os detalhes são muito importantes.	(i) Devo prestar atenção aos detalhes.	Ênfase nos detalhes.
30. É necessário fixar sempre o padrão mais elevado, ou as coisas irão ruir.		Altos padrões são importantes e necessários.	(i) Devo fixar altos padrões.	Ênfase em padrão de desempenho.
40. Se eu não tiver um desempenho no mais alto nível, eu falharei.	Sou assim: sem alto desempenho eu falho.		(i) Devo ter alto desempenho	Ênfase em padrão de desempenho.
57. Qualquer defeito ou falha no desempenho podem levar a uma catástrofe.		Altos padrões são importantes e necessários.	(i) Devo ter alto desempenho	Ênfase em padrão de desempenho.

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

Quadro 10 – Análise do conteúdo das crenças e traços para a configuração **passivo-agressiva** da personalidade baseada nas considerações teóricas de Beck e colaboradores (Beck et al., 1993; J. Beck, 2007).

PASSIVO-AGRESSIVA	Crença Central		Crença Intermediária	TRAÇO
	Visão de si mesmo	Visão sobre o outro/mundo	Visão sobre o modo de agir	
4. Eu tenho que resistir a dominação das autoridades, mas ao mesmo tempo manter sua aprovação e aceitação.			Devo resistir à dominação. Devo manter aprovação.	Oposição e resistência. Necessidade de aprovação.
7. Outras pessoas são frequentemente muito exigentes.		O outro é exigente.		Ênfase negativa nas demandas alheias.
20. O fato de eu achar que alguém é muito autoritário me dá o direito de desrespeitar suas ordens.	Tenho o direito de desrespeitar ordens.	O outro pode ser muito autoritário.	(i) Não devo respeitar ordens.	Ênfase negativa nas demandas alheias. Direito de desrespeitar ordens
21. Figuras de autoridade tendem a ser intrusivas, exigentes, intrometidas e controladoras.		O outro é exigente/controlador.		Ênfase negativa nas autoridades.
41. Cumprir prazos, ceder a exigências e me enquadrar ferem diretamente meu orgulho e auto-suficiência.	Se eu cumprir regras sinto meu orgulho ferido.		(i) Não devo seguir regras.	Ênfase negativa nas regras. (i) Direito de não cumprir regras.
47. Se eu seguir as regras da maneira que as pessoas esperam, isto inibirá minha liberdade de ação.	(i) Se eu seguir regras sinto-me preso.	Regras são inibidoras da liberdade.	(i) Não devo seguir regras.	Ênfase negativa nas regras. (i) Direito de não seguir regras.
51. Regras são arbitrárias e me paralisam.	(i) Se eu seguir regras sinto-me paralisado.	Regras são arbitrárias e paralisantes.		Ênfase negativa nas regras

Nota: O símbolo (i) assinala uma possível inferência da crença.

ANEXO E

Pedido e autorização para pesquisa com o PBQ-SF

Pedido e autorização para a pesquisa com o
Personality Belief Questionnaire – Short Form (PBQ-SF)

PBQ-SF: Permission to Use in Research

Segunda-feira, 6 de Junho de 2011 20:06

De: "donizete leite" <donizeteleite@yahoo.com.br>

Para: "beckinst@gim.net" <beckinst@gim.net>; "assist@beckinstitute.org" <assist@beckinstitute.org>

Dear Mr. Beck,

I'm a master student researcher in the area of cognitive therapy of personality disorders, at the Universidade Federal de Uberlândia / Brazil.

I'm really very interested in study the psychometric properties to Personality Belief Questionnaire - Short Form (PBQ-SF) in a Brazilian sample.

The Personality Belief Questionnaire (PBQ) was adapted to Brazilian Portuguese language by Mariangela Savoia e cols. in 2006.

If you allow me, I plan to use this adapted version to the Brazilian Portuguese to study the psychometric properties of PBQ-SF.

I would greatly appreciate it if possible.

Thank you for your attention,

Sincerely,

Donizete T. Leite

Re: PBQ-SF: Permission to use in Research

Terça-feira, 7 de Junho de 2011 16:27

De: "Brian Keenaghan" <assist@beckinstitute.org>

Para: "donizete leite" <donizeteleite@yahoo.com.br>

A mensagem contém anexos: 5 arquivos (391 KB) | Fazer download de tudo

Dear Donizete ,

Yes you have permission, please forward your results to Dr. Beck directly at Abeck@mail.med.upenn.edu. Also, please find associated documents attached. And for updates about Cognitive Behavior Therapy studies and news articles please visit our blog www.beckinstituteblog.org.

To receive training in CBT we encourage you to consider one of our workshops on-site at Beck Institute that are held numerous times per year.

We are pleased that you contacted us. Can you encourage your colleagues to sign up for our complimentary e-newsletter? We publish it three times a year and it contains cutting edge developments in CBT, with articles by Dr. Aaron Beck, Dr. Judith Beck, and other CBT experts.

Thank you and best regards, Brian

Brian Keenaghan | Education Coordinator

Beck Institute for Cognitive Behavior Therapy

One Belmont Avenue, Suite 700, Bala Cynwyd, PA 19004

phone: 610.664.3020 ext. 225 | email: assist@beckinstitute.org

Training & Supervision | Mailing List & Newsletter | Referrals

CBT for Diet & Maintenance | CBT for Military Personnel

ANEXO F

Carta de Aprovação do Comitê de Ética



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2121 - Bloco A - sala 224 - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
CEP 38408-144 - FONE/FAX (34) 3239-4131

ANÁLISE FINAL Nº. 596/11 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU
192/11

Projeto Pesquisa: "CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DO QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS DOS TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE - FORMA REDUZIDA".

Pesquisador Responsável: Ederaldo José Lopes

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.
O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data de entrega do relatório final: **Dezembro de 2011**

SITUAÇÃO: PROTOCOLO APROVADO

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 23 de setembro de 2011.

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

ANEXO G

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada **“Características Psicométricas do Questionário de Crenças dos Transtornos de Personalidade – Forma Reduzida”** sob a responsabilidade dos pesquisadores Donizete Tadeu Leite (mestrando) e Prof. Dr. Ederaldo José Lopes (orientador). Nesta pesquisa estamos buscando entender a relação entre os pensamentos que as pessoas possuem e seus traços de personalidade.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Donizete Tadeu Leite, no momento em que fizer o convite a você para participar da pesquisa, e em seguida explicar os objetivos da mesma. Na sua participação, você responderá um questionário.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Não haverá risco para você, pois será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade. O benefício advindo desta pesquisa diz respeito ao avanço do corpo de conhecimentos do campo da psicologia da personalidade na abordagem cognitivo-comportamental e a validação de um novo instrumento em português destinado a avaliar os pensamentos associados aos perfis de personalidade.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

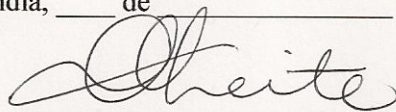
Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:

Donizete Tadeu Leite. Avenida Pará, 1720, Bloco 2C. Umuarama. Fone: 3218-2235 R.38.

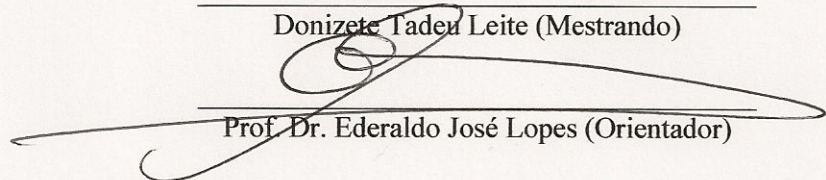
Prof. Dr. Ederaldo J. Lopes. Avenida Pará, 1720, Bloco 2C. Umuarama. Fone: 3218-2235 R.38.

Poderá também entrar em contato com o Comitê de ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica, Uberlândia – MG, CEP 38408-100. Fone/Fax: (34) 3239-4131.

Uberlândia, ____ de ____ de 2011.



Donizete Tadeu Leite (Mestrando)



Prof. Dr. Ederaldo José Lopes (Orientador)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da Pesquisa